

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»



ANO XV

N.º 60

OUTUBRO DE 1952

Sociedade Geral

de

Comércio, Indústria e Transportes

LISBOA

Carga e expediente: **Rua do Comércio, 39** Telefone: 30551

FROTA

n/m ÁFRICA OCIDENTAL . . .	1.560 T.	n/m COLARES	1.376 T.
n/m ALCOBAÇA	9.588 T.	n/m CONCEIÇÃO MARIA	2.974 T.
n/v ALCOUTIM	10.526 T.	n/m CORUCHE	1.376 T.
n/m ALENQUER	6.588 T.	n/v COSTEIRO	900 T.
n/m ALEXANDRE SILVA	3.215 T.	n/v COSTEIRO SEGUNDO	510 T.
n/m ALFREDO DA SILVA	3.643 T.	n/m COSTEIRO TERCEIRO	1.426 T.
n/v ALFERRAREDE	2.118 T.	n/m COVILHÃ	1.376 T.
n/m ALMEIRIM	9.588 T.	n/v CUNENE	9.800 T.
n/v AMARANTE	12.600 T.	n/v FOCA	2.060 T.
n/m AMBRIZETE	9.245 T.	n/v INHAMBANE	9.619 T.
n/m ANA MAFALDA	3.643 T.	n/v LUSO	10.125 T.
n/m ANDULO	9.245 T.	n/v MARIA AMÉLIA	3.005 T.
n/m ANTONIO CARLOS	2.974 T.	n/v MARIA CRISTINA	5.580 T.
n/m ARRAIOLOS	9.588 T.	n/v MELLO	6.253 T.
n/m BELAS	7.259 T.	n/v MIRANDELA	8.280 T.
n/m BORBA	7.259 T.	n/v MIRA TERRA	600 T.
n/m BRAGA	7.224 T.	n/m SÃO MACÁRIO	1.221 T.
n/m BRAGANÇA	7.224 T.	n/v SAUDADES	6.430 T.
n/m CARTAXO	1.376 T.	n/v SILVA GOUVEIA	1.353 T.
n/v ZÉ MANEL	1.240 T.		

TOTAL: 202.967 TONELADAS

REBOCADORES:

«AFRICA», «CINTRA», «ESTORIL»,
«FREIXO», «SÃO CRISTOVÃO», «SOURE»

33 Batelões (7 de 500 T., 24 de 400 T. e 2 de 250 T.)

25 Fragatas de (2.300 T.)

1 Barca de água (250 T.)

1 Draga «BARREIRO» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m³ cada

EM CONSTRUÇÃO NOS ESTALEIROS DA C. U. F.

2 navios de 3.600 T. e para 52 passageiros cada

2 rebocadores de 1.200 T. cada.

CARREIRAS DE LISBOA PARA:

NORTE DA EUROPA • NORTE DE ÁFRICA • CABO VERDE • GUINE • ANGOLA
ARGENTINA • ESTADOS UNIDOS • TERRA NOVA • GROENLANDIA
E COSTA DE PORTUGAL

A COMPANHIA QUE MAIS NAVIOS TEM AO
SEU SERVIÇO, CONSTRUÍDOS EM PORTUGAL
NOS ESTALEIROS DA COMPANHIA UNIÃO
FABRIL NO BARREIRO E EM LISBOA

A T E N Ç A O

A OUIVESAIA **Miguel A. Fraga, L.^{da}** R. da Palma, 26-28

Participa aos seus amigos e clientes que já se encontra nas novas instalações, no

PAVILHÃO DOS OURIVES

(Largo Martim Moniz, 18)

Onde continua a vender OURO, PRATA, E JÓIAS a baixos preços.

Telefone 28503

VINHO DO PORTO

«GRAHAM»

«Emperor»

«Five Crowns»

«Six Grapes»

«Imperial Dry»

— «Tawny» Velhíssimo

— Muito velho e sêco

— «Vintage» Velho do casco

— «Ruby» Leve



GUILHERME GRAHAM JNR. & C.^A

Rua dos Fanqueiros, 7
Lisboa Tel. 20066-9

Rua dos Clérigos, 6
Porto Tel. 26961/2

Distribuidores no Sul

JOSÉ LUIZ SIMÕES — LARGO DO CHIADO, 17 — LISBOA

Telef. 2 0244

Teleg. PAPELCAR

**PAPELARIA
CARLOS**

DE — **CARLOS FERREIRA, L.^{DA}**

34, RUA DO OURO, 38

LISBOA

Especialidade em livros para **ESCRITURAÇÃO COMERCIAL**

Grande sortido de artigos para **DESENHO E ESCRITÓRIO**

VIDROS E CRISTAIS

Especializada no fabrico de vidros para iluminação
e de frascaria para perfumaria e laboratórios

GAIVOTAS, L.^{DA}

FÁBRICA FUNDADA EM 1811

Rua das Gaivotas, 10 a 24

Telefone P. B. X. { 63176
63177

CHÁ CELESTE



Bertrand (Irmãos), L.^{da}

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA



FOTÓLITO
DESENHO

T. Condessa do Rio, 27 — Telef. 21368 21227

E. Pinto Basto & C.^a L.^{da}

LISBOA

**TRANSPORTES MARÍTIMOS
E AÉREOS**

CARVÃO

SEGUROS

**REPRESENTAÇÕES
(Industriais, etc.)**

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS, ETC. ETC.

no PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.^a, L.^{da}

**FÁBRICA DE LOIÇA
DE SACAVÉM, ^{da}L.^{da}**

TEL. P.B.X. **FAIANÇAS** TELEG.
2 4958 DE LOIÇA
2 3902 **FANTASIA** LISBOA

**E DE USO D'OMÉSTICO
LOIÇA SANITARIA E
DE GRÉS CERAMICO
AZULEJOS-MOSAICOS**

A MAIS PERFEITA FABRICAÇÃO

LISBOA

AV. DA LIBERDADE, 49 / 57

PORTO
R. CARMELITAS, 40
Tel. 22 033

COIMBRA
R. DR. RODRIGUES, 13
Tel. 3546

CASA AFRICANA

Rua Augusta, 161/Telef. 2 4264-65 P. B. X./LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 166/Telef. 1361 P. B. X./PORTO

Secções de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria, Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Preços fixos e marcados em todos os artigos

ON PARLE FRANÇAIS

ENGLISH SPOKEN

Ter em sua casa e dar aos amigos louça da

VISTA ALEGRE

é uma tradição lisboeta com mais de 100 anos

.....
Largo do Chiado, 18

ELECTROLUX



FRIGORÍFICOS

ASPIRADORES-ENCERADORAS

MÁQUINAS DE COZINHA

MÁQUINAS PARA LAVANDARIAS

LISBOA

SEDE E EXPOSIÇÃO

R. Pascoal de Melo, 7

Telefs.: 48378 / 50516 / 54130

EXPOSIÇÃO

Av. da Liberdade, 141, 1.º

Telefs.: 28246 / 32901

OURIVESARIA DA GUIA

FUNDADA EM 1875

•
JOIAS ♦ OURO ♦ PRATA ♦ RELÓGIOS
•

Rua Martim Moniz, 2-10 — Telefone 28336

Rua da Mouraria, 7-11 —————> LISBOA

Oferta
27. JUL. 1988

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XV

SETEMBRO DE 1952

NÚMERO 60

DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

Edição e Propriedade do

GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

Redacção e Administração: Rua Garrett, 62, 2.º — Telefone 2 5711

Comp. e imp. na «Editorial Império, Lda.» — Rua do Salitre, 151/155



SUMÁRIO

Lisboa não tem o Leite que deveria ter, pela <i>Eng. Perez Durão</i>	215
O Cruzeiro de Algés, por <i>J. M. Cordeiro de Sousa</i>	221
Um lacre pouco vulgar, por <i>Heinrich Katzenstein</i>	224
As duas «Severas» do Vimioso, por <i>Amaro de Almeida</i>	226
Três Exposições Olisiponenses — Jornais — Registos de azulejos — Fotografias	230
A Bemposta (<i>O Paço da Rainha</i>), por <i>Luis Moita</i>	236
Vistas de Lisboa, por <i>António de Aguiar</i>	245
Feira da Ladra	252
Grupo «Amigos de Lisboa» (Corpos Directivos de 1952/1954) ...	257

NA CAPA — Entrada do pátio de D. Fradique (*Desenho de José Espinho*)

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

OLIVIERO

LOBBYING FIRM

MEMORANDUM FOR THE DIRECTOR

RE: [Illegible]

[Illegible text]

CONFIDENTIAL



[Illegible text]

[Illegible text]

LISBOA NÃO TEM O LEITE QUE DEVIA TER

Pelo Eng. PEREZ DURÃO

NÃO sei até que ponto o assunto, implícito no título deste artigo, poderá incluir-se no número de aqueles a que o nosso *Olisipo* dedica quase exclusivo lugar.

Todavia, não creio que ao «amigo» de Lisboa estejam interditos outros campos de acção além dos que em boa linguagem se dizem eruditos; por isso atrevo-me a tentar o tracejamento de uma faceta da vida cidadina, que, embora se afaste da habitual e não grave na órbita do eruditismo, pode, de certo modo, interessar aqueles que lhe auscultam os anseios, gozam as alegrias e sofrem as desditas.

O assunto em tese está intimamente ligado às vicissitudes da quotidiana satisfação da voracidade pantagruélica do ventre da cidade.

Lisboa, como todas as grandes metrópoles, não escapa aos malefícios da gula. Estas podem, grosso modo, equiparar-se a imensas fornalhas onde, dia a dia, se combustam toneladas de alimentos, vindos das mais díspares latitudes e cujo ritmo de consecução origina sérios e complexos problemas de ordem económica-social.

Este facto, só por si, não pode deixar indiferente o «amigo» de Lisboa, o qual, por esse seu próprio atributo, se encontra neles envolvido e a sua curiosidade, ou melhor, a sua capacidade para os solucionar, não é palavra vã.

Não vou, evidentemente, embrenhar-me nos meandros labirínticos do complicadíssimo problema geral do abastecimento. Miro, com este pequeno estudo, pôr em equação uma das faces do grande poliedro, aquela precisamente que, a meu ver, carece de mais cuidada atenção e que, implicando com a saúde do cidadão, não deve permanecer obscurecida pela indiferença ou desordem, dado que a sua incidência na vida da população se reflecte, quer no seu empobrecimento orgânico, quer, sobretudo, nos acidentes que gera na sanidade da grei.



O abastecimento do leite à cidade está ainda situado num tenebroso *beco sem saída*, que tem resistido a todas as tentativas de melhoramento.

Não acompanhou a metamorfose civilizadora da cidade nestes últimos anos, conseguida pela evolução dinâmica da sua elegância urbanística; nem se vislumbra sequer o mínimo indício sincrónico que o encaminhe no mesmo sentido.

Isto constitui uma falha imperdoável e que urge apagar para prestígio da nossa cidade.

O fornecimento do leite à cidade faz-se hoje, com pequenas modificações, tal como se fazia num passado remoto. É-se levado a crer que este sector relevante da vida da cidade é escravo da incompreensão do homem, do seu desamor e até da sua pecaminosa incúria.

O primitivismo da movimentação do leite, decorrente desde a produção até ao consumo, é a sua mais acentuada característica. Nada se revela de progressivo, nada se apresenta esperançoso na senda do abastecimento.

E, no entanto, o leite é, na alimentação humana, um elemento imprescindível.

O seu índice de capitação, é, concomitantemente, um índice de civilização.

O seu alto valor energético, a facilidade do seu consumo e as suas múltiplas aplicações culinárias e terapêuticas, tornam-no um elemento de primeira grandeza dentro da gama bromatológica.

Se o leite é, nos primórdios da vida extra-uterina, o único alimento, isto é, aquele que para a espécie constitui o *alimento completo*; da adolescência à caducidade, ele apresenta-se como o alimento *sui generis* quase completo, bastando, para o ser, a integração de alguns outros elementos nutritivos, que lhe supram as deficiências relativamente à finalidade a que se destina. É, portanto, o alimento que melhor se adapta a todos os estádios da vida humana.



O leite, devido à sua origem, à sua natureza e às vicissitudes a que está sujeito, é um produto extremamente sensível e em qualquer fase do seu aproveitamento pode, com enorme facilidade, conspurcar-se e inquinar-se, tornando-se veículo das mais repelentes sujidades e das mais virulentas moléstias.

Para que o leite seja, no amplo significado do termo, um alimento salubre e salutar, é necessário que se apresente ao consumo, desde a origem e para todos os fins, PURO, SÃO e LIMPO.

PURO — enquanto corresponda inteiramente à composição químico-biológica do leite da espécie que o produza.

SÃO — quando não contiver germes estranhos à sua flora microbiana banal.

LIMPO — quando não contenha matérias extra-naturais.

Reside, pois, na consecução destes predicados o objectivo da normalização do abastecimento.

Evidentemente, se o leite não for produzido por animais sãos, bem alojados e nutridos; se a sua colheita se não fizer sob o domínio da acção orientada pela razão higiênica, não só as suas qualidades nutritivas deixam de ser o atributo procurado pelo consumo, como este se transformará num perigoso disseminador de doenças. Acresce ainda ao grave perigo de contaminação o facto das condições de transporte para o mercado, a sua conservação nos locais de destino e a sua distribuição se não realizarem sob as mais rigorosas normas da assepsia.

Há, pois, de acautelar, com esmerado escrúpulo, a movimentação do leite.

Já de há muito se reconheceu a incapacidade dos intervenientes no abastecimento para realizarem a obra ingente que se esconde por detrás das propriedades reais do leite alimentar.

Reconheceu-se, também, que o ciclo comercial do leite tem de obedecer a normas especiais e de tal modo rigorosas que nenhuma malha do complicado sistema possa ser vulnerável.

Para conseguir, portanto, objectivar a realização do abastecimento racional não basta formular, mesmo nas melhores condições de apetrechamento, a mecânica da higienização, montando postos de refrigeração, de recepção e distribuição, e lançando no mercado o produto obtido depois da sua passagem por esses organismos. A garantia que se pretende, através desta mecânica, é illusória.

Para o fim essencial do abastecimento rigorosamente higiénico torna-se necessário, além de tudo, encontrar a forma de enquadrar, num conjunto humanamente harmónico, a razão de ordem sanitária com a razão de ordem económico-social que lhe está na base. Deste imperativo nasceu a ideia, por mim conjecturada, da centralização de todo o abastecimento, materializado no organismo que se convencionou denominar CENTRAL LEITEIRA DE LISBOA.

Este apelativo não é, certamente, desconhecido dos Amigos de Lisboa. Ele tem repetidas vezes ecoado nos jornais e revistas, sob a forma de literatura variada e saborosa, mas etérea. Aparece e desaparece, como nas antigas mágicas, sem ser assinalada por sons estridentes ou aromas cáusticos.

O problema tem sido repetidas vezes posto em equação por entidades particulares e até oficiais, dando a illusória convicção de que iria ser um facto. Todavia, sem que ninguém se aperceba das causas,

tudo se some fugázmente. O mistério apoderou-se deste singular fogo-fátuo.

Como em tantas outras iniciativas, a paralisia entorpeceu-lhe os membros e fê-la jazer na miragem idealista dos poucos que ainda acreditam nos benefícios da higiene.



O problema do abastecimento do leite à cidade de Lisboa apresentou-se-me, na sua incontestável crueza, quando, por alturas de 1933, ocupei o lugar de vogal da Comissão Administrativa da Câmara Municipal.

Quis o então seu presidente, o nosso confrade Coronel Sr. Henrique Linhares de Lima, que eu abordasse o problema nas suas mínimas particularidades e apresentasse depois a solução mais conveniente com os interesses dos munícipes, isto é, aquela que consentisse o fornecimento de leite nas melhores condições de salubridade e preço.

Lancei-me entusiásticamente ao labor, confiado que tinha chegado a hora de realizar em pleno o intento de longa data acalentado no meu espírito. Durante meio ano, em sucessivas reuniões com a comissão então adrede nomeada, foi-me possível cumprir o mandato, apresentando uma proposta concreta e minuciosa sobre o assunto.

Tal proposta, há pouco reeditada pela actual vereação, continha todos os pormenores indispensáveis para a sua completa realização, e tudo dava a entender que se havia atingido o ponto culminante da solução.

Partindo dos pressupostos técnico-económicos assentes, fizeram-se dois concursos públicos para a construção e apetrechamento da Central Leiteira. Farta concorrência acorreu aos concursos e os prognósticos foram os mais auspiciosos.

Tudo estava conjecturado e delineado. Desde a localização à maquinaria, à orgânica e ao funcionamento. Nada escapara à previsão estabelecida.

Enquanto decorriam os prazos para a apresentação e estudo das propostas dos concorrentes, fui encarregado de estudar as Centrais leiteiras italianas, que, na Europa, eram então as mais perfeitas e consentâneas com a orgânica constitucional vigente no nosso País. Logo a seguir, o Governo encarregou-me de tomar parte, como seu delegado, no X Congresso de Leitaria, realizado em Roma e Milão em Maio de 1934. Nele tive o ensejo de aprofundar os meus conhecimentos técnicos, ouvindo os grandes mestres mundiais e tirar a conclusão deveras desvanecedora de que a Comissão da minha presidência não se havia enganado na senda percorrida, antes tinha conseguido, no programa

de realizações formulado, um avanço substancial sobre os princípios assentes, visto que não limitava a acção da Central ao fim único da higienização, mas alargava-a ao âmbito económico da produção, como base essencial do abastecimento.

O funcionamento da Central abrangeria, numa íntima colaboração entre os técnicos especialistas dos seus diversos sectores, toda a gama da movimentação do leite.

Estava previsto o estágio de todos os técnicos, nos estabelecimentos congéneres mais reputados, enquanto durasse a construção e apetrechamento da Central, no intuito de se familiarizarem com os seus encargos profissionais e estarem aptos, por consequência, no acto da inauguração, a cumprirem as suas missões sem quebra de ritmo e com o máximo de economia. Estes técnicos seriam escolhidos por concurso de provas públicas e entre as diferentes categorias exigidas pelo funcionamento integral do organismo.

Haviam-se estudado e escolhido os meios de distribuição, inclusive a domiciliária, tanto do agrado do nosso consumidor comodista.

Preparava-se uma quinzena de propaganda, na qual tomariam parte os nossos mais eminentes higienistas e técnicos do leite, que se levaria a cabo no Salão Nobre da Câmara Municipal e serviria para preparar o público a aceitar o novíssimo sistema.

E, no entanto, este ingente e auspicioso trabalho não passara de uma quimera.

Num ápice, tudo ruíra, deixando o péssimo abastecimento no *statu quo ante*, ou, antes, em piores condições, porque ao fracasso seguiu-se o desenfrear das ambições e o desbarato do armentio leiteiro, provocados pelo subconsumo e pela indisciplina.

Até agora são-me desconhecidas as forças ocultas que tão prepotentemente causaram a derrocada... e já vão decorridos dezoito anos.

E, contudo, a Central Leiteira traria, insofismavelmente, reais vantagens a todos os intervenientes no abastecimento: a uns, traduzidas na maior valia de um produto, que se arrasta em flutuações gananciosas dos intermediários; a outros, trazidas pela certeza da utilização dietética de um produto saudável.

Acrescente-se ainda a estas vantagens, a possibilidade do aproveitamento integral de toda a produção, pelas transformações que a Central realizaria do leite sobranse como matéria-prima de inúmeras aplicações valiosas.

Tais perspectivas, não ilusórias, porque confirmadas pelo exemplo estranho, redundariam num benefício enorme para a saúde pública e ainda com larga repercussão no incremento da lavoura, por permitir

alargar os horizontes da transformação dos programas agro-pecuários a conceber e aplicar, para que o tão falado e nunca conseguido evolucionismo dos sistemas de exploração do solo se tornasse um facto.

O factor psíquico dimanante da confiança inspirada pelo dinamismo da Central seria, por seu turno, o mais potente propulsor do aumento de consumo de leite, com enormes vantagens para o robustecimento da grei citadina, ao mesmo tempo que se iria preparando um novo regime alimentar mais salutar, em contrapartida com o actual, bastas vezes precário quanto às normas higiênico-económicas.

A Central leiteira, tal como a idealizei, seria, em conclusão e contrariamente ao que vejo preconizado, não apenas um estabelecimento de higienização e aproveitamentos secundários, mas sim o núcleo de uma vastíssima planificação, destinada a conseguir a solução total e racional de todas as facetas ligadas às necessidades lactífugas do homem, tendo por remate a apresentação do leite em condições de salubridade e acessibilidade exigidas pelo seu largo consumo.

NOTA. — Já depois do que deixei dito, vieram a público certas notícias, que em parte dão satisfação às críticas formuladas.

Apraz-me trazê-las ao conhecimento dos Amigos de Lisboa, pois delas se pode inferir estar o problema do leite em vias de solução, o que, a ser assim, só lhes poderá causar regozijo.

Em primeiro lugar refiro-me à novidade trazida a público, no magistral artigo do médico veterinário, Dr. Manuel Amaro Martins, *Saneamento do leite que deve abastecer a cidade de Lisboa*, de que está em curso a montagem da Central Pasteurizadora de Lisboa e que a sua sede será construída em terrenos a norte da estação do Rego, com acesso pela Avenida 28 de Maio. A confirmar esta notícia vem mais tarde outra relativa ao empréstimo de dez mil contos à Câmara Municipal pelo Fundo do Fomento Nacional e destinado a custear as despesas com o novo Matadouro Municipal e uma Central Leiteira.

Pouco tempo antes apparecera na imprensa diária a transcrição do despacho de Sua Ex.^a o Subsecretário de Estado da Agricultura, aprovando o regulamento elaborado pela Junta dos Produtos Pecuários, sobre certas particularidades do abastecimento do leite.

Há dias inauguraram-se, na zona abastecedora de Lisboa, os Postos de recepção, de refrigeração e distribuição, sob a forma cooperativista.

Não posso, por não possuir elementos concretos sobre o assunto, apreciar até que ponto tal organização de produtores vai melhorar a qualidade do leite destinado ao consumo da cidade. Até agora, porém, não vi desaparecer o mais perigoso processo de distribuição citadina, isto é, a venda avulsa do leite por deambulantes e em leitarias, sem que, a garantir a salubridade e a hygiene, se adoptem outros meios além dos habituais e que são, precisamente, aqueles sobre os quais recai a maior responsabilidade do conspurco e inquinamento.

O CRUZEIRO DE ALGÉS

por J. M. CORDEIRO DE SOUSA

«JUNTO ao moderno jardim de Algés e sobranceiro a ele, na rampa que inicia a estrada que vai para Algés-de-Cima e para Linda-a-Velha, em frente do portão de ferro do palácio do sr. Conde de Cabral, e numa nesga triangular de terreno», como no-lo descreve Vítor Ribeiro ⁽¹⁾, ergue-se um singelo cruzeiro de pedra, «de mais de quatro metros de alto» ⁽²⁾.

A sua breve história traçou-a o infatigável investigador Francisco Marques de Sousa Viterbo, na colectânea intitulada *Cruzeiros notáveis* ⁽³⁾. Como, porém, ao tempo em que se lhe referiram os dois ilustres escritores essa cruz se encontrava completamente revestida de hera, e cercada por «uma grade tosca de madeira coberta de cortiça e fechada com rede de arame», não lhes sendo possível ler as inscrições que se encontram gravadas na volumosa peanha, aqui as reproduzo para satisfação dos curiosos destas velharias.

São uns versículos do Hino de Laudes do ofício da Invenção da Santa Cruz, e rezam assim:

ECCE CRUCEM DNI FVGITE PARTES ADVERSAE VICIT
LEO DE TRIBV IVDA, RADIX DVID ALLA ALLA

ADORAMVS TE CHRISTE, ET BÑEDICIMVS TIBI
Q(VIA) PER CRVCĒ TVÁ REDEMISTI MŪDV

⁽¹⁾ Em carta para Sousa Viterbo, que este reproduz no trabalho citado na nota ⁽³⁾.

⁽²⁾ Idem.

⁽³⁾ Publicada primeiro no «Diário de Notícias», e depois no «Bol. da Real Ass. dos Archit. Civ. e Archeol Port.» série 4.ª, tomo 10.º.

CRVCĒ SACTA SVBIIT Q̄ IFERNŪ CŌFREGIT ACCIC
TVS EST POTĒTIA, SVRREXIT DIE TERTIA

O CRVX BŔNDI[CTA Q̄] SOLA FVISTI DIGNA
PORTARE REGĒ CAELORŪ ET DNŪ (4)

Além das abreviaturas, algumas germinações como: *te* na palavra *fugite*, *arte* em *partes*, *ta* em *sancta*, *ar* em *portare*. Na abreviatura da palavra *alleluia* os *ll* são cortados por pequenos traços horizontais. E o ditongo *oe* de *caelorum* está substituído por *ae*, o que aliás é vulgar.

O convento de São José de Ribamar, fundara-o em 1559 D. Francisco de Gusmão e sua mulher D. Joana de Blasbelt, que era aia da Infante D. Maria, por o de Santa Catarina que lhe ficava distante «meio quarto de legoa» para o lado da barra, estar muito arruinado. Depois sofreu vários acrescentos que se foram fazendo com esmolas dos devotos, sobressaindo as do Marquês de Alenquer D. Diogo da Silva, ao tempo «vice-rei destes Reinos» (5).

Era tão grande na corte a devoção pela casa dos humildes arrábidos, que além dos fundadores sepultados na capela-mor, jaziam na pequenina igreja conventual os 6.ºs e os 7.ºs Condes de Vimioso; a Condessa da Calheta D. Maria de Lencastre; a Marquesa de Castelo Melhor D. Mariana; 6.º Conde de Portalegre e seu irmão D. João, antigo capelão-mor do Rei; D. Pedro Coutinho, que fora capitão de Dio, e fundara o colégio dos ingleses católicos; e outras pessoas da grande nobreza do Reino (6).

Qual tenha sido o primitivo local do cruzeiro não me parece fácil indicar agora. Frei António da Piedade, na sua *Crónica da Arrábida* (7), diz-nos que Frei Rodrigo de Deus, o benemérito construtor das pontes de Algés e da Cruz-Quebrada, e da calçada que levava a «Barcarena, Caspolima (8), e outras partes»; o colocara «antes de chegar ao convento de S. Joseph em distância de dous tiros de mos-

(4) *Eccc Crucem Domini fugite partes adversæ, vincit / leo de tribu Iuda, radix David, alleluia alleluia.*

Adoramus te Christe, et benedicimus tibi / Quia per Crucem tuam redemisti mundum.

Crucem Sanctam subiit qui infernum confregit: accinc / tus est potentia surrexit die tertia.

O Crux benedicta quae sola fuisti digna / portare regem Coelorum et Dominum.

(5) Fr. António da Piedade, *Espelho de Penitentes e Cron. da Prov. de Santa Maria da Arrábida*, tomo 1.º, cap. 12.º.

(6) *Idem.*

(7) Vol. 1.º, p. 966.

(8) O actual lugar de Porto-Salvo. Vide Luciano Cordeiro, *Cartas de Paço d'Arcos*, in «Rev. de Arqueologia», vol. 3.º, p. 8.

quete» (9). Ora, mesmo calculando o alcance dessa arma entre 120 e 200 metros (10), não podemos determinar com precisão o primitivo local do cruzeiro, por não sabermos a que ponto do mosteiro estava referida a distância indicada pelo cronista arrábido: ao edifício conventual? à entrada ou começo da cerca?

«A propriedade do sr. Conde de Cabral é a antiga cerca do convento de S. José de Ribamar, cujos restos ainda existem no fim da quinta», dizia o erudito Sousa Viterbo, pelos anos de 1904 (11). Que a cruz se levantava a oriente do edifício conventual não resta dúvida, pois a encontravam «antes de chegar ao convento de S. Joseph, os que vem de Lisboa» (12). Devia pois estar à beira da estrada, porventura marcando para essa banda o limite da cerca monástica.

Em 1727 mudaram-na para a rampa actual. A causa dessa mudança não a sei eu. Talvez a venda de terrenos, ou que fosse por aqui, como sugere Sousa Viterbo (13), o «adro ou terreiro em frente da portaria da cerca». De qualquer modo, essa transferência é-nos atestada pela seguinte inscrição existente na base do cruzeiro, por cima da 3.ª antífona de laudes do ofício da Invenção da Cruz:

MVDOVSE
EM 1727

Por outro letreiro que está imediatamente por baixo da referida antífona, parece não ter sido o bom do frei Rodrigo de Deus quem levantou esta cruz, como diz a crónica, mas o Senado da cidade, talvez para demarcar a propriedade dos Arrábidos:

A CIDADE ANO
1605

Aqui deixo estas notas para os despreocupados passeantes domingueiros, que por acaso as lerem, se lembrarem dos pobres frades que tanto se afadigaram para tornarem transitáveis os ínvios caminhos por onde hoje deslizam velozes os nossos *Buicks* e *Chevrolets*.

Nossos, é força de expressão, está bem de ver.

(9) «Le mousquet à mèche... nécessitait, a cause de son poids, le concours d'une fourquine d'appui pour la mise en joue», Van Vinkeroy *Armurerie*, in «L'Art Ancien a l'Exposition N. Belge», p. 177.

(10) Melo de Matos, *Mem. sobre o alcance das armas usadas nos sécs. XV a XVIII*, in «An. da Acad. Port. da Hist.», vol. 9.º.

(11) *Cruzeiros notáveis*, in «Bol. da Ass. dos Archit. Civ. e Archeol. Port.», série 4.ª, tomo 10.º, n.º 6.

(12) Fr. António da Piedade, «Cron. da Arrábida», vol. 1.º.

(13) Obr. cit.

UM LACRE POUCO VULGAR

por HEINRICH KATZENSTEIN
do «Herold» de Berlim

ADOLF FRIEDRICH LINDENBERG, oriundo de uma nobre família de Luebeck, veio para Portugal entre os anos de 1784 e 1787. Aqui fixou residência e constituiu família, tendo deixado numerosa geração em Portugal (1). Era filho do grande Burgomestre e Senador de Luebeck, Johann Caspar Lindenberg e de sua primeira mulher, D. Elsabe Henriette Dreyer. Em Lisboa, foi Lindenberg pessoa de posição elevadíssima, contando inúmeros amigos. Na colónia alemã de Lisboa do seu tempo, onde também era muito estimado, teve papel dirigente, exercendo entre outros cargos honorários, os de presidente da Congregação Evangélica Alemã, secretário, tesoureiro e presidente da Irmandade de S. Bartolomeu dos Alemães, e Cônsul Geral das Cidades Livres Hanseáticas. Foi sócio da firma «Peters, Schlick, Hintze, Lindenberg & C.º», mais tarde «Lindenberg & Dircks».

Como Cônsul Geral das Cidades Livres Hanseáticas em Lisboa, tinha o direito de colocar nos documentos oficiais, que lhe eram apresentados, ou que emitia, o selo oficial do Consulado.

Usava então como selo oficial um sinete, que mais adiante descrevemos e reproduzimos, segundo uma prova executada em lacre vermelho, existente nos arquivos do autor, sobre um documento datado de 30 de Abril de 1831 e assinado pelo Cônsul John Hutchins, súbdito inglês, que dirigiu o Consulado interinamente, após a morte de Lindenberg.

Este selo é invulgar e raro, por ser o único conhecido até a data, e porque além de reproduzir as armas das três cidades Livres Hanseáticas (Luebeck, Hamburg e Bremen), também mostra as armas da família Lindenberg, que Adolf Friedrich Lindenberg tinha o direito de usar.

Porém este lacre ainda se torna mais extraordinário, não somente pelo facto de num selo oficial se encontrarem umas armas de família particulares, mas ainda por ter sido usado depois da morte de Lindenberg, em documentos oficiais.

(1) Ver: «Notas Genealógicas acerca de algumas das mais antigas famílias de origem germânica fixadas na Estremadura Portuguesa» no *Boletim da Estremadura*, do mesmo autor.

DESCRIÇÃO DO SELO

Circunferência de 28 mm. de diâmetro com uma inscrição circular que diz: (Palavras ilegíveis por o lacre deste lado estar danificado) CIVIT HANS. ET GERM. IN PORTUGALIA. Ao centro as armas das cidades Livres Hanseáticas alemãs, que eram Bremen, Luebeck e Hamburgo, sendo as armas de Bremen e Hamburgo colocadas sobre



Lacre vermelho existente nos arquivos de Heinrich Katzenstein, em Lisboa

âncoras com olhais, que as ligam por meio de um cabo, ornando em cima das armas de Luebeck, ao centro, um nó, com três laçadas. Por debaixo destas três armas, as armas Lindenberg, mais pequenas, com elmo e timbre: «Uma tília sobre um monte e sobre o elmo novamente uma tília». De ambos os lados, uma pequena «rosette» com pendentés.

As armas da família Lindenberg descrevem-se: «De oiro, tília de sua cor, firmada em um pé (monte) verde. Elmo de prata, aberto, guarnecido de oiro. Paquife e virol de oiro e verde. Timbre, a tília firmada em um pé (monte) verde.

AS DUAS “SEVERAS” DO VIMIOSO

Por AMARO D'ALMEIDA

D. FRANCISCO DE PAULA PORTUGAL E CASTRO, 13.º Conde de Vimioso, ligou o seu nome à famosa cantarina Maria Severa, entre nós a figura popular mais evocada e celebrizada. O povo com a sua alma simples apaixonou-se pelas heroínas de amor, prende-se aos contrastes, impressiona-se com os sentimentalismos pervertidos, ferve com as aventuras destemidas e vibra chocado pelas amarguras que o Destino impõe.

Assim, historia, romanceia e canta os dois extravagantes amourosos que o Fado um dia ligou numa viela, Maria Severa, uma azougada rameira, e Vimioso, o fidalgo mais elegante do seu tempo. Este aristocrata, continuador duma linhagem muito distinta, ligada ao Marquesado de Valença e aos Braganças, nasceu em 28 de Julho de 1817, casando aos vinte anos com uma senhora fidalga, filha do Marquês de Belas, doze anos mais idosa do que ele e viúva do Conde de Belmonte. Bondosa e inteligente, depressa se afez ao espirito irrequieto de seu marido, chamando a si, benevolente, a nobre missão dos filhos e do lar.

O Conde, aos 23 anos, fogoso, alegre e estouvado, distinguia-se na sociedade da época pelo seu inconfundível garbo de cavaleiro, espora dourada da Praça do Campo de Santana, nas feiras destemido alquilador e na alta roda mimoso atractivo das *élites*.

Boémio dos contrastes, beijando mãos perfumadas nos salões entre o cantar das sedas, procurava nos alcouces o cantar que desabafa com a guitarra a tortura dum fatalismo. Assim, o Vimioso conheceu Maria Severa, por volta de 1840, buliçosa fadista, já nesta data notável pelos primores que punha nos descantes ao Fado, rapariga alegre e bondosa, de uma beleza expressiva que a assinalou como excepcional entre as da sua triste condição.

Um dos motivos que mais deve ter atraído o caprichoso fidalgo foi a estranha sensação que produziu na Sociedade lisboeta, o crime do *Chico do 10*, faia da Mouraria, que se enleou de amores com a donairoza rapariga. Ao ver-se atraído, visto parecer ela desejar subs-

tituí-lo, o *Chico do 10* esperou o seu rival na escuridão de uma madrugada, na Rua do Capelão, e abriu-o à navalha, expiando no degredo os seus sangrentos impulsos de crime. Logo a seguir, nesta mesma viela se encetaram e prosseguiram os amores de Vimioso, imediato inquilino da víscera cardíaca da rameira. Para o fidalgo, a beleza não estava apenas na sua fisionomia e correcção de contornos, no que naturalmente não devia ser excepcional. A Severa constituía, sim, um todo muito complexo, que era uma vincada personalidade, juntando ao seu belo físico a frescura e a vivacidade dos 20 anos, um espírito canalha, uma língua sempre pronta para responder em qualquer tom ao mais mimoso chiste, um cérebro de reacções desequilibradas, que ora a dispunha a dar uma sova a qualquer colega de má catadura, como a ir empenhar o trancelim de ouro, para valer a outra na desgraça.

A Mouraria foi, assim, durante aqueles anos, uma atracção para muita gente boa, da *entourage* do Conde e outros curiosos mais destemidos, que ali se perdiam em noitadas com a rufiagem de más baldas, cantando, bebendo e «riscando» nos sórdidos patíbulos. A Severa ganhou fama fora das raias da Mouraria. O seu fidalgo, D. Francisco, levava-a para as esperas de gado, para os retiros fora de portas e até a levou a cantar ao Palácio das Galveias, numa célebre noite, por sinal acompanhada à guitarra por um dos mais íntimos amigos do Conde, o Roberto Camelo.

Este destrambelhado amantismo era do conhecimento público na pequena e mexeriqueira sociedade de Lisboa, do início do último século. Chegavam a dar piadas do «sol», na praça de touros, quando o garboso fidalgo, imponente sobre a sela, maravilhava com sortes de valentia e beleza, a assistência elegante e *snoob* do tempo.

Por volta de 1845 já a Severa manifestava avançados sintomas da doença que a havia de matar. O Conde cansou-se. O meio fadista, pelo hábito, já não era aquele estímulo estranho, capaz de impressionar o seu espírito ávido de sensações e, por esta data, nota-se um manifesto decaimento do seu entusiasmo. Maria Severa já não era a mulher terrível que o procurava por toda a parte e que o ameaçava ciumenta, fazendo escândalos com as meninas requintadas. Era a rapariga a quem uma vida louca exige a triste paga de uma curta existência de 26 anos. Vencida pela doença e pelo cansaço, em fins de Novembro de 1846, a Severa morre pobre e abandonada, num miserável bordel da Rua do Capelão.

Pouco tempo depois já se tornavam mais efectivas as estreitas relações do Conde com Diogo Henrique Bettencourt, também cavaleiro taumáquico, seu companheiro de redondel em muitas tardes de touros.

Este toureiro, que vivia perto do Socorro, na Rua de S. Lázaro, por cima da taberna do «Anadia», era também dado a fadistics, cam-

peando nas tascas da turbulenta Mouraria, dizendo-se, até, que trocara amores com a mal-encarada tronga da mãe da Severa.

Este Bettencourt tinha uma linda irmã de raça cigana, morena e de olhos negros como a Severa e, segundo parece, igualmente airosa e escultural. Chamava-se Joana e aprendera a tocar guitarra com sua mãe, que até se dizia ser uma artista correctíssima. No entanto, a cigana Joana nunca atingira primores e cantava sofrivelmente, acompanhando-se como qualquer pessoa sem virtuosismos o pode fazer.

Do convívio mais ou menos estreito entre o Vimioso e Bettencourt resultou, assim, pouco depois da morte da Severa, um entendimento amoroso do aristocrata com a cigana.

Esta linda morena, que em idade devia igualar-se mais ou menos ao Conde, despertou-lhe de início um vivo interesse, mas faltavam-lhe caracteres vincados que o pudessem impressionar de forma perdurável.

Como cigana, era muito aristocrata. Não tinha o sabor primitivo da raça, o espírito inculto da mulher nómada que reage ao homem civilizado, como a gazela na selva quando sente gente.

Como aristocrata era muito cigana, não usava saias rodadas de seda e, se as usasse, não teria dois dedos finos para levantá-las no minuete.

Como cigana aristocratizada era pouco fadista. Faltava-lhe a graça canalha, a vida turbulenta, as suas máximas de ternura e braveza e um coração sem ritmo de amor e sentimento.

D. Francisco ainda fez as suas vistas com Joana por vários pontos de reunião da capital, exibindo-a como nova amante que também cantava o fado e tocava guitarra. Isto deu lugar a que rapidamente se expandisse, no meio, um cognome que de certo modo se justificava, para a cigana. Chamavam-lhe «Severa».

Joana abraçou o apodo com carinho. Ser Severa era ser uma amante celebrizada do grande Vimioso e ela queria sê-lo. Ser Severa era ter uma garganta privilegiada para o enternecer com o fado. Ela queria tê-la. Ser Severa era ser uma princesa popular, adorada pelos pobres, beijada pelos fidalgos, adulada por todos e imortalizada como rainha.

Mas o coração do Conde é que não era de se perder com Severas a sério nem simuladas. Foi sol de pouca dura. Pouco tempo depois deste amantismo ter ganho popularidade, o Vimioso começou a afastar-se e a cigana recolheu-se em casa a beber lágrimas. Todos os seus sonhos se foram esvaindo e quando mais tarde se soube que ele já visitava uma tal proxeneta, «a Trigueirinha», da Travessa das Salga-deiras, por sinal até bem perto do seu palácio, a cigana Joana quis ficar longe da vista e do coração, desaparecendo de Lisboa de uma vez para sempre.

Parece que este amor sem sucesso da segunda «Severa» resfriou de todo as fortes relações de amizade entre o Vimioso e Bettencourt. Este não pôde deixar de sentir o desgosto da sua pobre irmã e, pelo que se depreende da leitura de factos daquela época, é mesmo natural que o Conde, no resto da sua vida, estivesse de relações cortadas com ele. No seu palácio, no Largo do Mitelo, morreu a 9 de Julho de 1864, D. Francisco de Paula Portugal e Castro, 13.º Conde de Vimioso, apenas com 47 anos de idade.

Apareceram, então, notícias de que estava vivendo em Évora uma cigana, a «Severa», que tinha sido amante do Vimioso e que, evidentemente, só podia ser a Joana e não a verdadeira Severa. Ficou vivendo nesta cidade alentejana, em vida do Conde e até sob um certo sigilo, porque, no bom entender de Bettencourt, como conhecia bem o caprichoso fidalgo, este era muito capaz de, volta e meia, dar a sua fugida a Évora para se mostrar e reacender paixões.

Felizmente que D. Francisco lhe perdeu o rasto e a crença, porque, em Évora, a rapariga fez uma vida recatada, constituindo família, na calma de um lar que como «Severa», em Lisboa, nunca poderia ter.

Morreu de idade muito avançada, com perto de 90 anos, deixando um filho rico que veio para Lisboa e outro que constituiu família em Évora, vivendo modestamente da sua profissão de alfaiate.

Esta duplicação de «Severas» tem-se prestado a numerosas confusões, como a de se chamar cigana à verdadeira Maria Severa nascida na Madragoa e popularizada na Mouraria, onde morreu.

Pela mesma circunstância apareceu uma guitarra que se diz ter pertencido à «Severa», mas que estava em poder de um senhor lavrador alentejano, quando sabemos que a guitarra que deve ter pertencido à verdadeira Severa é propriedade da ilustre família do Duque de Lafões.

Não sabemos até que ponto impera a fantasia dos escritores ou a sua má preparação histórica, mas o certo é que ao passar-se para o romance, para o palco ou para a tela, a famigerada cantarina da Mouraria, vão-se criando sempre novas «Severas», ainda mais diferentes da verdadeira que a cigana Joana, que o Destino com mão de sábio soube fazer morrer velhinha, como relíquia, na Cidade-Museu de relíquias feita.

Lisboa — Março de 1952.

TRÊS EXPOSIÇÕES OLISIPONENSES

JORNAIS — REGISTOS DE AZULEJOS — FOTOGRAFIAS

Na sequência do programa previamente anunciado, realizaram-se, no decurso do último trimestre do ano cultural de 1951-52, três exposições nos salões da nossa sede.

A primeira, da minha colecção de primeiros números de Jornais e revistas olisiponenses, mais de 1.300 exemplares, parte da minha colecção de Jornais portugueses, que ascende a mais de 2.000 e cujo catálogo da parte exposta, hoje se inicia. Apesar de monótono, tem interesse bibliográfico, pois completa e amplia os trabalhos sobre o assunto de Silva Pereira, Franco Monteiro, Brito Aranha e Alberto Bessa.

Seguiram-se as exposições de fotografias de registos de azulejos existentes na cidade, da autoria do Ex.^{mo} Sr. Eng. Amílcar de Melo e depois a das fotografias antigas de Lisboa, anteriores a 1870, da colecção do nosso consócio Ex.^{mo} Sr. Eduardo Portugal.

De ambas será publicado, oportunamente, o correspondente catálogo e bem assim as palavras de abertura dos respectivos expositores. Cada uma das exposições fala por si, dada a frequência dos visitantes, a sua categoria e as referências da Imprensa.

Foram todas presididas, na sua inauguração, por alguns representantes da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa. A dos Jornais foi aberta pelo Ex.^{mo} Sr. Vice-Presidente da Câmara, por si e com representação do seu Ex.^{mo} Presidente; à segunda presidiu o Ex.^{mo} Sr. Dr. Jaime Lopes Dias e à terceira o vereador Ex.^{mo} Sr. Aníbal David. A despeito de todos serem nossos prestimosos consócios, muito nos apraz registar e agradecer o verdadeiro interesse e auxílio que a Ex.^{ma} Câmara presta à nossa actividade cultural. Os nossos corpos gerentes estiveram sempre largamente representados.

Passaram pela nossa sede, durante mês e meio, cerca de 500 pessoas interessadas pelos certames, e nesse período houve largas referências na Imprensa diária; por isso e porque o julgo de alto interesse cultural, penso ser iniciativa em que se deve prosseguir, e algumas

novas exposições já estão em curso: a do nosso concurso fotográfico intersócios sobre assuntos lisiponenses, em Dezembro próximo, e a de retratos de vultos lisiponenses, para o ano que vem.

Folheando agora (cinco meses passados) a lista dos visitantes, alguns bem ilustres, e notórios especialistas nas matérias versadas nas exposições, como para a dos Jornais o Dr. Jorge de Faria, para a de fotografias o nosso consócio o Sr. Albert Schmit, etc., encontrámos alguns que ao Grupo são profundamente gratos e entre todos o do Ex.^{mo} Sr. Vice-Presidente da Câmara, que, por si e em representação do Ex.^{mo} Presidente, também nosso ilustre consócio, se dignou vir inaugurar a exposição de Jornais lisiponenses, o que fôz agradável nos foi, sobretudo por vermos novamente na nossa casa o antigo e operoso Secretário-Geral e sócio fundador e fulcro inicial da nossa actividade, o Ex.^{mo} Sr. Luís Pastor de Macedo. Como seu sucessor naquella tão ingrato cargo, julgo até, como Amigo de Lisboa, que só por isso valeria ao Grupo tê-la realizado, tanto mais que nas suas palavras manifestou o seu interesse de erudito e o seu aplauso de bibliófilo.

24-8-952

Eduardo Neves



DISCURSO

do Expositor dos jornais, Doutor Eduardo da Silva Neves

Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal de Lisboa e
nosso sócio fundador,

Minhas Senhoras,

Meus Senhores:

Por vezes — todos temos de nos arrepender de actos passados — mas às vezes, também bendizemos resoluções que com o tempo esmoreceram no entusiasmo das primeiras horas.

Em novo, já lá vão cerca de quarenta anos, nado e criado nesta nossa cidade, comecei coleccionando tudo: moedas, medalhas, selos, «ex-libris», gravuras, louças orientais e até jornais portuguezes, nas sortidas à Feira da Ladra e aos leilões da «Liquidadora», na Avenida.

Ficaram no culto e no entusiasmo as medalhas e as moedas, e as outras colecções foram relegadas para segundo plano.

Agora, que uma viragem da minha vida me faz olhar o passado com infinda saudade e tristeza, foi nas colecções e no bulício da sua nova arrumação que busquei distracção para as minhas atribulações.

Nasceu assim esta exposição, que ofereci ao nosso Grupo, indo buscar à minha colecção de cerca de dois mil jornais portugueses, os olisiponenses que VV. Ex.^{as} aqui vão ver.

Antes que os sepulte na minha casa de província ou lhes dê outro destino, nesta época em que tais coisas, por via de regra, só interessam aos com mais de cinquenta anos e com cabelos brancos, pareceu-me interessante expô-los aqui.

O relativamente avultado número dos nossos jornais — creio que mais de mil e trezentos hoje patentes — e o acanhado das nossas instalações disponíveis fizeram limitar a exposição só aos exemplares da minha colecção.

Mesmo assim não se expõem todos, alguns por não terem sido encontrados e que serão apresentados no decorrer da Exposição. Mercê também de circunstâncias várias, não houve tempo de ultimar o catálogo dos expostos, o que se fará e publicará oportunamente no *Olisipo*.

Esta colecção, iniciada por mim e feita nos últimos quarenta anos, foi adquirida avulso, em leilões e em grande parte na velha livraria da Rua da Prata, onde hoje está o «Photomaton» e era a antiga Livraria Pires, cujo último proprietário foi meu cliente e já faleceu, local onde antes fora a capela dos Livreiros.

Para uma pleiade erudita de visitantes como VV. Ex.^{as} não aludirei em detalhe a qualquer exemplar ou época.

Abundam os coevos da minha vida de rapaz, alguns com vida efémera, e dos antigos queremos chamar a atenção de VV. Ex.^{as} para dois exemplares *Varietades*, autêntico magazine de 1801 e para a curiosa *Folha Lithographica Lisbonense*, pelo seu aspecto gráfico, feito em litografia, como o seu nome indica.

Junta-se, sem serem primeiros números, uma série de jornais olisiponenses com mais de cem anos, e alguns exemplares de escassa bibliografia que sobre jornais se tem publicado entre nós.

São VV. Ex.^{as} extremamente amáveis em terem vindo a esta simples exhibição — sobretudo V. Ex.^a, Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal de Lisboa — que aliás tanto nos honramos em contar como consócio e meu antecessor tão ilustre no cargo de Secretário-Geral e que foi fulcro da nossa primitiva acção. Como muitas coisas actuais, vale esta exposição como símbolo: criar ambiente cultural à vida do Grupo, adentro do seu próprio *domus*, fazer escola — se tal for possível — nesse sentido e abrir uma série de exposições que idealizei, de que esta é a primeira, a que se seguirá a de 17 de Maio, de fotografias

de registos de azulejos olisiponenses, do Ex.^{mo} Snr. Eng. Amílcar de Melo, e em data oportuna a de retratos de vultos olisiponenses, para o que já temos a oferta da larga contribuição material, e depois, possivelmente, uma de fotografias antigas da cidade.

Julgo assim bem cumprir, a meu modo — há-de haver quem discorde — o dever de meu cargo de Secretário-Geral desta instituição cultural e servir, simultâneamente, a cidade onde nasci e a que creio o nosso Grupo já alguns serviços tem prestado.

A todos VV. Ex.^{as}, em nome do Grupo e no meu próprio, muito obrigado por mais este sacrificio *A Bem de Lisboa*.

COLECTÂNEA DE JORNAIS

Catálogo dos primeiros números de jornais lisiponenses da Colecção do Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves, expostos no salão dos «Amigos de Lisboa», de 30 de Abril a 12 de Maio de 1952.

- | | | |
|------|---|--|
| 1736 | GAZETA DE LISBOA OCIDENTAL — 5 de Janeiro. | A FACECIA LIBERAL E O ENTHUSIASMO CONSTITUCIONAL.
O DESCORTINADOR — 15 de Junho. |
| 1801 | AS VARIÉDADES | 1823 |
| 1802 | O ESPREITADOR DO MUNDO NOVO — Janeiro.
OITO DE SETEMBRO. | A TRIPA VIRADA.
O ORACULO PERIODICO DOS DEBATES, POLITICOS, SCIENTIFICOS E LITERARIOS — 21 de Julho.
O ORACULO CRITICO, POLITICO E POLEMICO. |
| 1809 | VIAGEM SENTIMENTAL Á PROVINCIA DO MINHO — Agosto e Setembro. | 1826 |
| 1815 | MERCURIO LUSITANO — 3 de Janeiro. | AS DUAS FIGAS — 28 de Outubro. |
| 1819 | O CAMPEÃO PORTUGUEZ OU O AMIGO DO REI E DO POVO — Julho. | 1826 |
| 1820 | JORNAL ENCYCLOPÉDICO DE LISBOA — Janeiro.
O PORTUGUEZ CONSTITUCIONAL — 22 de Setembro. | O FISCAL DOS ABUSOS — 31 de Julho.
O ZABUMBA.
O PERIODICO DOS POBRES — 30 de Setembro. |
| 1821 | DIARIO DAS CORTES GERAES E EXTRAORDINARIAS DA NAÇÃO PORTUGUEZA — 27 de Janeiro. | 1827 |
| 1822 | ASTRO DA LUZITANIA — 24 de Janeiro. | O FIADO DESCOSIDO.
GAZETA CONSTITUCIONAL — 3 de Agosto. |
| | | 1828 |
| | | A BESTA ESFOLADA — por José Agostinho de Macedo. |
| | | 1829 |
| | | GAZETA DE LISBOA — 1 de Janeiro. |
| | | 1830 |
| | | GAZETA DE LISBOA — 1 de Janeiro. |
| | | 1833 |
| | | MUSEU LITTERARIO — N.º 1 a 13. |

1834

PERIODICO DO POBRE — 1 de Janeiro.

1835

O RECREIO — Janeiro.

O MARCH! MARCH! — N.º 1 a 5.

JORNAL DE COMEDIAS E VARIEDADES.

O INDICADOR — N.º 6 — 10 de Janeiro.

DIABRETE — N.º 43 — 20 de Outubro.

JORNAL DE SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA
— Janeiro.

1836

A LUNETTA — N.º 4 — 26 de Abril.

O ALDEÃO — 7 de Maio.

O RAI0 — N.º 49 — 30 de Julho.

O PORTO FRANCO — 2 de Agosto.

O ELEITOR PROVOCADO — 23 de Agosto.

O TOUREIRO — 11 de Novembro.

O GRATIS, Jornal d'Annuncios — 16 de
Novembro.

O CORREIO — 3 de Dezembro.

O POPULAR — 24 de Dezembro.

JORNAL DA SOCIEDADE DOS AMIGOS DAS LE-
TRAS — Abril.

1837

GAZETA DE PORTUGAL — 7 de Janeiro.

O EXAMINADOR — 13 de Fevereiro.

O ARCHIVO POPULAR — 1 de Abril.

O RECOPIADOR — 29 de Novembro.

O JORNAL DOS ARTISTAS — N.º 11.

1838

ARCHIVO THEATRAL — Janeiro.

ATALAIA NACIONAL DOS THEATROS — N.º 1,
2 e 3 — 28 de Junho.

ARCHIVO PORTUGUEZ — 11 de Agosto.

O BEIJA-FLOR — N.º 1 e 2 — 15 e 22 de
Agosto.

O BIOGRAPHO — Julho.

1839

UNIVERSO PITORESCO — Janeiro.

A GALERA PITORESCA — 30 de Janeiro.

A ABELHA — Abril.

MEMORIAL ULTRAMARINO E MARITIMO —
N.º 1 — Março.

O CHEGA A TODOS — N.º 16 — 29 de De-
zembro.

O DESENJOATIVO THEATRAL — N.ºs 2 e 3
— 4 e 10 de Junho.

1838-1839

O BIOGRAPHO — N.ºs 1 a 12.

O PAPAGAIO.

1839

O ROMANCISTA — 8 de Junho.

JORNAL DO CONSERVATÓRIO — 8 de Dezem-
bro.

O TROVÃO.

1840

O COSMORAMA LITTERARIO — N.º 4 — 4 de
Janeiro.

O ROMANCISTA — 2.ª serie, n.º 147 — 26
de Novembro.

1841

ENCYCLOPEDIA RURAL — Janeiro.

GAZETA DOS TRIBUNAIS — 2 de Outubro.

SYNOPSIS DOS TRABALHOS LEGISLATIVOS DA
CAMARA DOS DEPUTADOS NA SESSÃO OR-
DINARIA.

1842

O ARCHIVO POPULAR — 1 de Janeiro.

O CATHOLICO — N.º 43 — 14 de Dezem-
bro.

1843

O TERRIVEL — N.º 7 11 — 6 e 27 de Ago-
sto.

MEMORIAS DO CONSERVATÓRIO REAL DE
LISBOA.

1846

O ARCHIVO CONSTITUCIONAL E CHRISTÃO.

O RELIGIOSO.

1847

O JARDIM LITTERARIO.

O AÇOITE.

(Continua)

A BEMPOSTA

(O PAÇO DA RAINHA)

(Continuação do número 57)

por LUIS MOITA

II — A CAPELA

Notemos aqui, finalmente, os festões doirados que ornamentam os espaços entre as lunetas, e nos contrafeitos da abóbada os monogramas, um pouco confusos, de J. R. e C. J. R., alternados, que expressam *João-Rei e Carlota Joaquina Rainha*. É de crer que tais monogramas aqui tenham sido pintados aquando das obras de 1822, 24 ou 25.

b) Corpo da Capela

Retábulos

Caímos agora na observação das obras de Pedro Alexandrino. São três os retábulos por ele pintados, de entre os do corpo da Capela.

Pedro Alexandrino foi, como é sabido, um pintor exuberante. Em todos os templos construídos ou reconstruídos depois do terramoto, raro não surge, ante quem os visita, um retábulo, um tecto, qualquer coisa provinda da sua mão. Algumas vezes é a decoração total ou primordial da igreja que lhe pertence, como nos Mártires. Aqui o temos também na sua «maneira», no seu convencionalismo académico, trabalhando os temas religiosos a frio, com bom desenho, bons panejamentos, boas atitudes, é certo, mas com carnações demasiado escolásticas e, sobretudo, sem vibração religiosa. Cirilo aponta-o como um pintor que, a despeito de conhecer o seu valor e o seu prestígio, sobretudo depois que, em 1778, fez para a Sé o grande painel do Salvador do Mundo, — tinha o condão de agradar, sabia insinuar-se, aceitava todos os trabalhos, todos os preços, tinha, enfim, aquele sentido da oportunidade, para ganhar dinheiro e vencer, que é apanágio da raça judaica... Seria Pedro Alexandrino de Carvalho um cristão-novo? É muito natural...

S. João Baptista — Aqui temos, pois, a Pedro Alexandrino: um S. João Baptista sem nada de extraordinário. Chama a atenção a talha doirada que envolve os quadros a seguir apontados, sobretudo os símbolos entalhados que sobrepujam cada um deles e os serafins que guardam os frisos. Aqui o emblema é uma cabeça decepada e um dos anjos leva uma flâmula ou pendão, atributo do Baptista.

S. Francisco recebendo as chagas — Em frente um S. Francisco recebendo as chagas. Nada de extraordinário também. Por emblema, na talha doirada, as chagas de Cristo. Um dos serafins é exposto com uma pequena moldura oval, ou escudo dentro do qual se vê uma mão segurando uma campainha; o outro transporta uma cruz latina.

S. Pedro — Em frente da capela do Santíssimo o quadro de S. Pedro recebendo as chaves do céu das mãos de Jesus. É, talvez, a mais interessante de todas as telas do grupo. Os anjos descendo do céu conduzem a tiara do primeiro papa. Tem esta tela a sua expressão. Por emblema, na talha, as chaves do céu. Um dos serafins segura uma tiara.

No corpo da capela apenas estes três quadros estão assinados com o *P. Alex.* da assinatura vulgar de Pedro Alexandrino.

Conceição da Virgem Maria — Mas temos aqui uma Conceição da Virgem Maria, vulgar, que não está assinada. Por emblema, as iniciais J. H. S., comuns à figuração de Jesus Cristo. Os serafins não são guardados de quaisquer símbolos. Mas têm uma atitude deliciosa de recolhimento, um com as mãos sobre o peito, o outro em oração.

Este quadro pode também ser de Pedro Alexandrino. O estilo, a «maneira» da tela da Virgem não difere grandemente, ao que me parece, dos demais quadros do pintor aqui expostos. Porventura um restauro inadvertido apagou-lhe a assinatura, que na restante iconografia já descrita é perceptível na base, e geralmente no centro, das aludidas telas.

É evidente que este quadro não está no seu primitivo lugar.

S. Francisco de Assis — Na talha que o circunda vemos o emblema da Virgem — uma estrela grande num círculo de doze pequeninas estrelas; os anjos levam um o sol, outro a lua. Não pertence, manifestamente, este S. Francisco de Assis ao pincel de Pedro Alexandrino. Julgo ver aqui mais intuição religiosa, mais espírito católico, menos cenário e pompa que naquele «S. Francisco recebendo as chagas». O santo da Umbria recebe os estigmas de Jesus humildemente. Este outro franciscano tem a maceração das penitências.

Quem foi este pintor?

Não sei... É difícil sabê-lo...

Também este quadro não está no seu primitivo lugar.



Analisemos agora o tecto do corpo da Capela, aonde vemos pintada, sobre estuque, uma concepção grandiosa e sublime da Coroação de Nossa Senhora. O tema magnífico é emoldurado por complicada e majestosa balaustrada formando sucessivos varandins, ornados de volutas, vasos com flores e anjos. No centro, entre nuvens que resguardam

discretamente o céu, o símbolo da Virgem, — a estrela entre pequeninas estrelas, parece designar que a gloriosa Mãe de Deus acaba de ascender ao Reino Celeste. A Glória de Maria é comunicada aos míseros mortais através da proclamação dos quatro Doutores da Igreja, instituídos por Bonifácio VIII, Santo Agostinho e Santo Ambrósio, bispos, S. Gregório Magno, papa e S. Jerónimo, que aqui toma a veste cardinalícia em que por vezes é simbolizado, se bem que nunca houvesse sido cardeal. Adoram a Virgem, transportada ao céu, frades franciscanos, agostinhos, bernardos e dominicanos. A figuração é completada por anjos, arcanjos e querubins.

Quem é o autor deste tecto pomposo, magnífico, a que preside uma concepção sem dúvida mais interessante que a de outras igrejas da capital, bem mais importantes que esta capela?

Quanto a mim, tudo leva a crer que seja ainda obra de Pedro Alexandrino, acolitado por José António Narciso na parte da pintura arquitectónica e Manuel Macário, na das flores.

c) Capela do Santíssimo

Retábulo do altar

É uma «Ceia do Senhor», uma ceia como tantas... É o derradeiro quadro de Pedro Alexandrino. A assinatura do artista, que nos três retábulos do corpo da Capela é «P. Alex.», aqui limita-se a um «P. A.». Ao centro da talha que sobrepuja o retábulo um cordeiro sobre o livro dos sete selos ou fechos, a este sustentado por um querubim.

Quadros reproduzindo cenas do Exôdo

Esta capela do Santíssimo, variante graciosa que interrompe caprichosamente o rectângulo da sala da oração, é enriquecida com dez pequenos quadros que representam cenas do Êxodo. Identifiquei esses quadros com as cenas bíblicas que representam, relacionando-os aos capítulos e versículos daquele Livro do Velho Testamento.

Começando da esquerda para a direita e de cima para baixo, temos:

Primeiro quadro — Cap. 31 — Vers. 18 — «E o Senhor, concluindo estas práticas no Monte Sinai, deu a Moisés duas tábuas lapídeas do testemunho, escritas pelo dedo de Deus».

Segundo quadro — Cap. 4 — Vers. 2 e 3 — «E disse pois Deus: Que é o que tu tens na tua mão? Respondeu: uma vara.

«Continuou o Senhor: Deita-a no chão. Deitou-a; ela se converteu em uma cobra, de sorte que Moisés fugiu».

Terceiro quadro — Cap. 24 — Vers. 1 e 2 — «Disse também Deus a Moisés: Sobe ao Senhor, tu, e Arão, Madab e Abiu, e setenta anciãos de Israel, e adorareis de longe.

«Só Moisés subirá ao Senhor; e os outros não se chegarão a Ele: nem o povo subirá com Ele».

Quarto quadro — Cap. 14 — Vers. 26 e 27 — «E o Senhor disse a Moisés: Estende a tua mão sobre o mar, para que as águas se voltem para os Egípcios, sobre as suas carroças e sobre a sua cavalaria».

«E estendeu Moisés a mão sobre o mar, que ao romper da manhã se voltou para o antigo lugar: e fugindo os Egípcios vieram as águas sobre eles, e o Senhor os envolveu no meio das ondas».

Quinto quadro — Cap. 3 — Vers. 2 e 6 — «E o Senhor lhe apareceu numa chama de fogo, que saída do meio duma sarça; e Moisés via que a sarça ardia sem se consumir.

«Mais disse ainda (Moisés): Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob. Cobriu Moisés o seu rosto, porque não ousava olhar para Deus».

Sexto quadro — Cap. 33 — Vers. 8 e 9 — «E quando Moisés saía do tabernáculo se levantava todo o povo e ficava cada um em pé à porta do seu pavilhão, olhando pelas costas para Moisés, até ele entrar no tabernáculo.

«Logo porém que ele entrava no tabernáculo do concerto, descia a coluna de nuvem e parava à porta, e o Senhor falava com Moisés».

Sétimo quadro — Cap. 17 — Vers. 9, 10 e 11 — «E Moisés disse a Josué: Escolhe gente: e saindo, peleja contra Amalee; amanhã estarei eu no cume do outeiro tendo na minha mão a vara de Deus.

«Fez Josué o que Moisés lhe tinha dito e pelejou contra Amalee. Moisés, porém, Arão e Hur subiram ao cume do outeiro.

«E quando Moisés tinha as mãos levantadas, vencia Israel; mas se as abaixava, vencia Amalee».

Oitavo quadro — Cap. 15 — Vers. 27 — «Depois vieram os filhos de Israel a Elim, onde havia doze fontes de água, e setenta palmeiras, e se acamparam junto das águas».

Nono quadro — Cap. 18 — Vers. 13 e 14 — «Ao outro dia assentou-se Moisés para dar audiência ao povo, que se apresentava diante dele, desde manhã até à tarde.

«E seu sogro, tendo visto tudo o que ele fazia ao povo, disse: Que é isso que tu fazes com o povo? Porque estás tu assentado e todo o povo esperando desde manhã até à tarde?».

Décimo e último quadro — Cap. 17 — Vers. 6 — «Olhe que eu hei-de estar junto de ti sobre a pedra de Horeb: e ferirei a pedra, e dela sairá água, para que beba o povo. E Moisés assim o fez, na presença dos anciãos de Israel».

Não tenho notícia de quem fosse o autor deste grupo de quadros com cenas do Êxodo. Noto falta de ordem cronológica no seu assentamento.

Tecto

Representa este quadro a Transfiguração de Cristo no Monte Tabor, que aqui vemos rodeado de querubins, e que no Evangelho de S. Mateus é assim descrita:

Cap. 17 — 1.º — «...toma Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João seu irmão, e os leva áparte, a um alto monte:

2.º — E transfigurou-se diante deles. E o seu rosto ficou refulgente como o sol, e as suas vestiduras se fizeram brancas como a neve.

3.º — E eis que lhes appareceram Moisés e Elias falando com ele».

Pelas deducções expostas admito e suspeito que este tecto seja ainda obra de Pedro Alexandrinho.

c) Sacristia

Quadros

A Sagrada Família

Ao fundo da sacristia, sobre um pequeno altar hoje desaparecido, estava colocado um retábulo, que ainda ali se encontra, representando a Sagrada Família. Ao centro a Virgem tendo ao colo o Menino, que afaga S. João Baptista. Ladeando estas figuras centrais vemos S. José, Santa Isabel e S. Joaquim. No alto a Pomba do Espírito Santo.



No arrolamento a que se procedeu aqui, por ordem do Ministério da Justiça, em 3 de Janeiro de 1911, a posição dos quadros, no corpo da Capela, não era precisamente aquella que acabamos de observar. Além dos quadros descritos havia mais:

Quadros ausentes

Santos Apóstolos

Um quadro representando os Santos Apóstolos, que se encontrava no corpo da Capela, no terceiro altar do lado da Epístola, ou seja, no lugar hoje occupado, e bem, pelo retábulo de *S. Pedro recebendo as chaves do céu*.

Cristo crucificado

Uma tela figurando *Cristo Crucificado*, numa das paredes laterais da sacristia.

Um quadro apresentando o *Coração de Jesus*, na arrecadação da sacristia.

Estes três quadros saíram para o Ministério das Finanças em 27 de Julho de 1915. A eles se refere uma nota-recibo arquivada na Escola do Exército. Nessa nota dá-se saída ao quadro de *S. Pedro recebendo as chaves do céu*, em vez do dos *Santos Apóstolos*. Como porém o lugar deste último quadro, no arrolamento de 1911, era no altar aonde hoje ainda figura o primeiro, é de crer que a confusão, anterior ou posterior à aludida nota, tenha que ver com o facto da mesma troca ou ainda com indicações do Conselho de Arte e Arqueologia, convocado por officio do Ministério da Justiça, de 11 de Janeiro de 1915, para aqui vir seleccionar os objectos do culto e valores artísticos.

Quanto à posição dos quadros ainda existentes, na ocasião do arrolamento de 1911 era a seguinte:

O quadro de *Throni (altar mor)*. Mantinha o seu lugar.

No corpo da Capela:

S. João Baptista — Mantinha o seu lugar.

S. Francisco de Assis — Estava pendurado na sacristia. Em seu lugar figurava *A Ceia do Senhor*, hoje no altar da capela do Santíssimo.

S. Pedro recebendo as chaves — Pendurado na sacristia. Em seu lugar os *Santos Apóstolos*.

Nossa Senhora da Conceição — Pendurado na sacristia. Em seu lugar não havia quadro algum.

S. Francisco das Chagas — Mantinha o seu lugar.

Na sacristia:

Além de *Nossa Senhora da Conceição*, *S. Francisco de Assis*, *S. Pedro recebendo as chaves*, hoje no corpo da Capela, havia pendurado mais o *Cristo Crucificado*, que desapareceu, e a *Sagrada Família*, ainda ali colocada.

Tecto

Tecto vulgar. Ali vemos *S. Pedro*. com a tiara e báculo, rodeado de anjos, às portas do céu.



e) Outros valores

Escultura

Reportando-me sempre ao que vemos e não ao que devia cá estar, ou esteve cá, notarei agora o ligeiro património escultural da Bemposta.

Dentro do tempo, aonde efectivamente o sentido estético da sala não dava lugar a mais exuberante representação, vemos apenas duas esculturas nos lados do altar-mor: no do Evangelho S. Paulo, no da Epístola S. Pedro. Nada, quanto a mim, as notabiliza.

Mais interessantes são, entretanto, as outras duas esculturas existentes nos nichos do átrio. Aí temos, do lado do Evangelho, um *S. João Baptista*, com o cordeiro e o *pendão*, e do lado da Epístola *Santa Isabel* exibindo o milagre das rosas. São dois exemplares interessantes, embora um tanto amaneirado o da *Santa Isabel* e académico, a despeito de certa desenvoltura, o *Baptista*. Ambas as estátuas são obra iniciada pelo escultor José de Almeida, falecido com 60 anos em 1769. Do *S. João* existe no Museu de Arte Antiga um desenho-estudo, do mesmo Almeida.

Estas obras estiveram longo tempo imperfeitas até que outro escultor, Joaquim José de Barros Laborão, as acabou em 1813.

A inscrição latina

Merece atenção especial a inscrição latina colocada por cima da porta principal da Capela. A ela já me referi duas vezes.

Diz o texto latino:

SUPREMO RERUM CONDITORE / VIRGINIQUE MATRE
ABSQUE LABE ORIGINIS / CONCEPTÆ TEMPLUM HOC
PULCHERIMO ARTIS / OPERE ELABORATUM IN ÆTER-
NUM SUAVE / RELIGIONIS MONIMENTUM CONSECR-
VIT / JOANNES BRASILIÆ PRINCEPS / LUSITANÆ
GENTIS SPES AC DESIDERIUM / AN REPAR SALUT
CID DCCXCHII

Tradução:

«AO SUPREMO CONDUTOR DAS COISAS E À VIRGEM
MÃE CONCEBIDA SEM MÁCULA DE ORIGEM, CONSA-
GROU ESTE TÊMPLO, SUAVE MONUMENTO DE RELI-
GIÃO, CONSTRUÍDO COM BELÍSSIMO TRABALHO DE
ARTE, PARA SEMPRE, JOÃO, PRÍNCIPE DO BRASIL E
DESEJO DA GENTE LUSITANA. PARA SALVAÇÃO, 1793»

Coincidem no ano de 1793 a data da conclusão da capela e da factura do retábulo do altar-mor, de José Throni. E sendo o Príncipe Regente D. João quem, na inscrição latina, recebe a glória da factura deste templo, é de crer, confirmando quanto foi dito, que o ano de conclusão e os imediatamente anteriores tenham sido, efectivamente, os de mais intenso trabalho.

VIDA RELIGIOSA

Conhecida a história, analisada e criticada a beleza deste harmonioso cadáver, vejamos, em breves palavras, o que foi a vida religiosa

que por aqui passou. Evolou-se há muito a alma vibrante destas paredes mortas, destas paredes moribundas desde 1834 e que em 1910 exalaram o último suspiro. Essa palpitação devemos conhecê-la hoje, embora não acompanhados pela piedade de então, movidos apenas por mera curiosidade intelectual ante paredes que escalavam o último suspiro de religiosidade pela falta de culto .

D. Catarina de Bragança

A primitiva capela, sucedânea, como é sabido, de uma antiga ermida da invocação de Nossa Senhora, existente no local ao tempo em que D. Catarina de Bragança aqui se instalou, foi por esta povoada de doze capelães, obrigados ao coro e missa cantada, usufruindo cada um 80.000 réis de cõgrua. Seja dito de passagem que a piedade da viúva de Carlos II de Inglaterra não se manifestou apenas aqui. Foi ela quem mandou edificar e dotou no sítio de Arroios uma casa de religiosos da Companhia para ali se instruírem para as Missões da Índia (1).

D. Pedro II

D. Pedro II manda observar por alvará de 29 de Outubro de 1706, morta já a Rainha da Grã-Bretanha, o regimento, ou estatutos, anteriormente por ela estabelecidos. Do mesmo ano de 1706 data uma Carta de Padrão de 1.740 U réis de juro, na Alfândega de Lisboa, para pagamento dos capelães da Capela da Bemposta.

Infante D. Francisco

Vimos que o Infante D. Francisco, de posse, por doação de seu pai, da Casa do Infantado, recebeu, também por doação, de seu irmão, El-Rei D. João V, a Bemposta, com todos os pertences e anexos. Assim, diz a História Genealógica, «ás rendas com que foi dotada pela Rainha da Grã Bretanha, sua tia, unio com faculdade de Santa Sé Apostólica huma rendosa Igreja do seu Padroado para maior aumento do culto Divino» (2).

Infante D. Pedro

É, porém, o Infante D. Pedro, futuro marido de D. Maria I, quem dá ao culto da Capela um forte incremento. Havendo, como vimos, tomado posse da Casa do Infantado, por sentença, logo em 1758 (8 de Dezembro) aumenta a Colegiada de oito capelães com 100.000 réis de cõgrua cada um, o que constituía, no dizer do contemporâneo Padre Cardoso (*Dic. Corográfico*), «avultado ordenado». O mesmo padre considerava a Capela «primorosamente ornada».

(1) *Hist. Gen.* T. III p. 328 e seg.

(2) *Hist. Gen.* T. VII p. 409 e seg.

Assim, de doze passou a Colegiada a vinte capelães-cantores compreendendo

- 1 Tesoureiro
- 1 Moço de Capela
- 5 Cantores
- 1 Organista
- 1 Maceiro ⁽³⁾

Os cuidados do Infante D. Pedro pelo culto da sua Capela da Bemposta incidiram ainda sobre os estatutos da régia Colegiada que, instituída por D. Pedro II em 1706, com dezanove capítulos, foram por ele acrescentados por decreto de 11 de Dezembro de 1758, seguindo-se mais seis declarações em Janeiro de 1760.*

Príncipe Regente D. João

Durante 42 anos nenhuma notícia surge respeitante ao culto. E assim entramos no período em que a Bemposta toma contacto com o seu habitante mais famoso, D. João, Príncipe Regente, que ultimara as obras de reconstrução da capela e enaltecera, como expressa a legenda latina, o «delíssimo trabalho de arte» com que a construiu e decorara. Natural é pois, que apetecesse sublimar o culto da nova e formosa igreja. Assim, dirigiu ao Patriarca, em 14 de Novembro de 1802 uma Carta Régia aonde lhe significa o desejo de que a Colegiada da Bemposta suba à categoria de «insigne», à maneira das demais existentes no Reino. Desta forma os capelães em exercício naquela data, bem como os futuros, ascenderiam à dignidade canonical, formando assim um Cabido; usariam as mesmas vestes, insígnias e denominações das outras insignes Colegiadas, conservando-se, contudo, na Casa do Infantrado a nomeação e apresentação das suas cadeiras.

É só três anos depois (decreto de 26 de Outubro de 1805), que o Príncipe Regente dá seguimento aos seus desejos. Naquele instrumento se declara que, tendo D. Pedro II equiparado os capelães da Bemposta aos da Real Capela de S. Tomé, ao tempo Santa Igreja Patriarcal, para manter a mesma paridade se estabelecesse, aqui, a «Colegiada Insigne». Daí em diante a nova Colegiada compreende duas dignidades: Deão e Tesoureiro-mor.

D. João, neste decreto, reserva-se o direito de nomear um Presidente para exercer o cargo de Deão, quando este se achasse vago; e declara que o cargo de Tesoureiro-mor pertence ao cónego mais antigo; e que sete cónegos prebendados irão ascendendo por antiguidade a essa regalia.

⁽³⁾ João Bautista de Castro — Mapa ed. 1763 pag. 231/2.

(Continua)

VISTAS DE LISBOA

por ANTÓNIO DE AGUIAR

(Continuação do n.º 59)

22

VISTA geral tirada do rio, tendo na parte sup. da man. as armas nacionais, à esq., e à dir. um escudo com uma nau.

Esta vista é estampada em 4 folhas, ligadas umas às outras por colagem.

Insc. — LISBONA (na parte sup. da mancha, ao meio).
Dim. — 2130×413 mm. de man.
Proc. — Gravura.

23

VISTA geral tirada do rio, no meio do qual está um castelo (Almada?).

Tem uma coluna de referências remissivas à man. de 40 linhas, escritas em alemão, na marg. inf.

Na marg. sup., à dir., tem o número 55.

Insc. — LI/SABO/NA *Ankunfft Konigs Caroli des III in Hispan zu Lissabon, Aº 1704 den 7 Marti* (na parte sup. da man. ao meio dentro duma cartela e uma filactera).
Subs. — *Gabriel Bodenehr excud. A. V.* (na marg. inf., à dir.).
Dim. — 247×162 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

24

VISTA geral «à vol d'oiseau», tirada do rio, onde se vêem vários barcos, alguns a remos. No canto sup. esq. da man. tem as armas reais com coroa aberta e no dir. um escudo com uma caravela, cercado por uma coroa de louros.

Neste mesmo local tem o número 56.

245

Esta estampa pertence à mesma obra que a n.º 23 e segue-se a ela, visto uma ter o n.º 55 e outra o n.º 56.

Tem uma coluna de referências de 49 linhas, escritas em alemão, remissivas à man., do lado esq.

Insc. — LISABON (na parte sup. da man., ao meio, dentro duma filacteria).

Subs. — *G. Bodenehr fec. et exc. A. V.* (na marg. inf., à dir.).

Dim. — 257×161 mm. de man.

Proc. — Gravura.

25

VISTA geral tirada do rio. Tem uma genealogia dos reis de Portugal desde o Conde D. Henrique até D. Manuel I, em 51 filacteras e 2 medalhões.

Insc. — LISBONA (dentro duma filacteria, na man.).

Dim. — 410×250 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

26

VISTA geral tirada do rio, representando Lisboa antes do terramoto. No primeiro plano vêem-se vários barcos. Tem 29 rubricas de referências, em 6 colunas, na marg. inf.

Insc. — ALBEELDING DER STAD LISSABON *in zyn volle Luyster voor de Wervoestinge oste Aardbeevinge* (na marg. sup.).

Dim. — 395×265 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

Esta estampa aparece em geral acompanhada de um impresso, colado à marg. inf., com a descrição do terramoto de 1755. Esta descrição é composta por um texto de 3 colunas, a 1.ª em inglês, a 2.ª em alemão (ambas de 54 linhas) e a 3.ª, de 48 linhas, em francês.

Esta descrição é seguida da subscrição seguinte, a toda a largura: *Te Amsterdam, by Petrus Schenk en Zoon, Konst-en Kant-Verkoopers, in de Kalverstraat, schuyms over de Gapertsteeg, en tegens aanstaande Mey aan de overzyde van gemelde Steeg, het vierde Huys naar den Dam.*

As dimensões totais da gravura e descrição são 460×575 mm. de vista.

27

VISTA geral tirada do rio, onde navegam vários barcos.

Insc. — VUE GENERALE DE LISBONE VILLE CAPITALE DU ROYAUME DE PORTUGAL (na marg. inf.).

Subs. — *Published according to Act of Parliament April y^e 10, 1752* (por cima da insc.). *London Printed for & sold by Hen. Averton at the White Horse without Horgate & Rob. Sayer at the Golden Buck opposite Fetter Lave Fleet Steet* (por baixo do título).

Dim. — 390×257 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

28

VISTA geral tirada da margem sul do Tejo, onde se vê uma torre acastelada e uma fortaleza com uma ampla bandeira (à dir.) e várias figuras parecendo remover grandes blocos de pedra. No rio vêem-se alguns barcos.

No Terreiro do Paço estão tropas formadas e no Cais das Colunas (?) levanta-se um arco triunfal de 3 vãos.

No meio da parte inf. da mancha desenvolve-se uma cartela encimada pela coroa real, fechada e ladeada por um caduceu e um tridente, tendo dentro uma nau.

Por cima da mancha, ao meio, tem: *N. 22*. Por baixo da mancha tem 2 colunas de referências remissivas à mancha, de 3 linhas cada uma, a da esq. em italiano e a da dir. em alemão.

Insc. — LISABONA — LISABON (na parte sup. da man., ao meio, dentro duma cartela de estilo barroco).

Subs. — *F. B. Verner delin. — Cum. Priv. Sac. Coes. Maj. — I. G. Ruigh sculps. — Mart. Engelbrecht excud. A. V.* (rente ao vinco inf., da esq. para a dir.).

Dim. — 294×183 mm.

Proc. — Gravura.

29

VISTA geral da cidade, antes do terramoto, tirada do rio, onde se vêem vários barcos.

Insc. — A GENERAL VIEW OF THE CITY OF LISBONE THE CAPITEL OF PORTUGAL (na marg. inf., à esq.). VUE GENERALE DE LISBONE VILLE CAPITALE DU PORTUGAL (na marg. inf., à dir.). LISBONE (na marg. sup. ao meio, em escrita invertida).

Subs. — *Publish'd according to Acto of Parliament Anno 1760* (na marg. inf. por cima da insc.).

Dim. — 385×235 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

30

VISTA geral anterior ao terramoto, tirada do rio, onde se vêem vários barcos.

Na parte superior da mancha tem 3 escudos, sendo um, à dir., com as armas de Lisboa e dois à esq., um dos quais com as quinas. Tem 72 rubricas de referências em latim e alemão.

Insc. — LISABONA (dentro duma filactera, na parte sup. da man., ao meio).

Subs. — *C. P. S. C. M.* (na marg. inf., ao meio). *Georg Balth. Probst exc.* (na marg. inf., à dir.).

Dim. — 1.125×385 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

31

VISTA geral anterior ao terramoto, tirada do rio, onde se vêem vários barcos.

Na parte sup. da man., à esq., tem um brasão e à dir. uma cartela com uma nau.

Tem 34 rubricas de referências dispostas em 4 colunas, na marg. inf., de 4 linhas cada coluna.

Insc. — OLISIPPO — LISABONA (na parte sup. da mancha).

Dim. — 400×315 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

32

VISTA geral tirada da margem sul do Tejo. No 1.º plano, à dir., vê-se o Castelo de Almada; ao centro estão 3 pescadores sobre rochedos e à esq., uma grande árvore. No plano médio vêem-se vários barcos, no rio, um dos quais a remos, com 4 pessoas.

Insc. — LISSABON (na marg. inf.).

Subs. — *Nürnberg, bei Schneider und Weigel* (à dir.).

Dim. — 330×260 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

33

VISTA geral tirada do rio, onde navegam vários barcos. Na parte sup. da mancha tem 2 escudos, sendo o da esq. com as quinas e o da dir. com uma nau.

Por cima da mancha, no ângulo sup. dir., tem o número 56.

Tem uma coluna de referências, em alemão, de 31 linhas e por baixo outra com 18 rubricas, tudo na marg. esq.

Insc. — LISABON (dentro duma filactera, na parte sup. da mancha).

Subs. — *Georg. Chr. Kilian exc. A. V.* (na marg. inf. à dir.).

Dim. — 256×167 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

VISTA geral tirada do rio, onde se vêem vários barcos. Tem na parte sup. da mancha 2 escudos: o da esq. com as quinas e o da dir. com uma nau.

Tem 3 colunas de dizeres em alemão, francês e inglês, de 8 linhas cada uma.

Insc. — LISBONA (na parte sup. da mancha dentro duma filactera).
 Subs. — *Dancker Danckerts excudit* (na marg. inf., à dir., rente ao vinco).
 Dim. — 522×403 de vin.
 Proc. — Gravura.

Insc. — PLANO / DA CIDADE DE LISBOA, / REDUZIDO E GRAVADO NO ARCHIVO MILITAR. / ANNO DE 1835 / ESCALA DE 600 BRAÇAS (na marg. sup.).
 Subs. — *J. J. F. de Sousa* (na marg. sup., à esq.).
 Dim. — 930×500 mm. de vin.
 Proc. — Gravura.

PLANO do porto de Lisboa e das costas de Portugal até Setúbal. Por baixo da cartela, com a inscrição e subscrição, está outra com a planta de Lisboa, cujo título é: *Idée de la Ville de Lisbonne*, com 11 rubricas de referências dispostas em 2 colunas de 7 linhas. Na parte inf. da mancha tem a rosa dos ventos e na parte sup., à dir., tem uma cartela oval com *Remarques*.

Na parte sup., a todo o comprimento, vê-se o panorama de Lisboa tirado do rio Tejo.

Insc. — PLAN DU PORT / DE LISBONNE / ET DES COTES VOISINES (dentro duma cartela oval, de estilo, na parte sup. da mancha).
 Subs. — *Par M. Bellin Ing. de la Marine MDCCLVI. Dressée au Depot des Cartes Plans et Journaux de la Marine. Par ordre de M. de Marchault, Garde des Sceaux de France Ministre et Secrétaire d'Etat aiant de Departem. de la Marine* (por baixo da insc. dentro duma cartela).
 Dim. — 655×460 mm. de vin.
 Proc. — Gravura.

PLANTA de Lisboa tendo na parte inf. esq. da mancha a rosa dos ventos.

Tem 60 rubricas de referências numeradas com letras, dispostas em 10 colunas na parte sup. da mancha.

Insc. — PLANO GERAL DA CIDADE DE LISBOA EM 1800 (na parte sup. da
mancha).
Dim. — 400×293 mm.
Proc. — Gravura.

38

PLANTA de Lisboa. Tem 60 rubricas de referências alfabetadas de A a Z (dispostas em 4 colunas de 9 linhas) e de a a z (dispostas em 6 colunas de 4 linhas), na marg. sup.

Insc. — PLANO GERAL DA CIDADE DE LISBOA EM 1785 (na marg. sup.).
Subs. — *Franc.º D f.º* (na marg. inf., à esq.).
Dim. — 410×300 mm.
Proc. — Gravura.

39

VISTA tirada do sul, compreendendo o trecho da cidade que vai da Capela de Santo Amaro ao Mosteiro dos Jerónimos.

Insc. — *Prospectus Portus, et Templorum Bethlemi, et Amati* (na marg. inf. à esq.). *Vue du port et des Eglises de Bellen et de S. Amat* (idem, à dir.).
Dim. — 414×283 mm. de man.
Proc. — Gravura.

40

VISTA da Sé de Lisboa.

Insc. — *Cathédrale de Lisbonne* (na marg. inf., ao meio). *Portugal* (na mar. sup., ao meio).
Subs. — *Lemaitre direxit* (rente à base da man., ao meio).
Dim. — 90×137 mm. de man.
Proc. — Gravura.

41

VISTA tirada da terra, de lugar indeterminável, em direcção à foz dum rio. À esq. vêem-se várias casas e à dir. e ao meio vêem-se alguns barcos, parte dos quais, no 1.º plano, estão a ser carregados por vários marítimos.

Insc. — *Vue de l'embouchure du Tage et du Port de Lisbonne* (na marg. inf.).
Dim. — 420×200 mm.
Proc. — Gravura.

250

VISTA do cais de Belém durante o embarque de El Rei D. João VI para o Brasil.

- Insc. — DEPARTURE OF HIS R. H. THE PRINCE REGENT OF PORTUGAL FOR THE BRAZILS. *The 27th. Novembr. 1807* (na marg. inf., ao meio).
 Subs. — *Drawn by H. L'Evêque* (na marg. inf., à esq.). *Engraved by F. Bartolozzi* (idem, à dir.). *Pub.^d May 1815 for the proprietors by Mess.^{rs} Conalghi & C^o.* (por baixo da insc.).
 Dim. — 538 × 395 de vin.
 Proc. — Gravura.

VISTA da Praça dos Remolares, tirada do norte para o sul, vendose o Caes do Sodré.

- Insc. — THE EMBARCATION OF GEN.^l JUNOT AFTER THE CONVENTION OF CINTRA AT QUAI SODRE. *To Lieutenant General Sir Wm. Carr Beresford K. B. Field Marschal in the service of Portugal this plate is respectfully dedicated by his Most Obed.^t Hum.^{bl} Servent H. L'Evêque* (na marg. inf.).
 Subs. — *Drawn by H. L'Evêque* (rente ao vinco inf., à esq.). *Engraved by F. Bartolozzi R. A. Aet. 84 Engraved to His Majesty* (idem, à dir.).
 Dim. — 510 × 315 mm. de man.
 Proc. — Gravura.

VISTA tirada do rio, abrangendo o trecho da cidade que vai desde S. Vicente até à barra.

Na parte inf. da mancha e por baixo da insc. está uma planta com o estuário do Tejo dentro duma cartela rectangular ladeada por 2 figuras, ao lado das quais se vêem uns cupidos com uma bússola e um tritão cavalgando um golfinho.

Tem 71 rubricas de referências dispostas em 7 colunas em alemão, na parte inf. da mancha, à esq.; à dir. tem o mesmo número de rubricas e colunas, em francês.

- Insc. — LISSABON (na parte inf. da mancha, ao meio, dentro duma cartela de estilo).
 Subs. — *Gezeichnet und gastochen, von Friederich Schoemann in Humb. 1756* (na marg. inf., à dir.).
 Dim. — 1195 × 425 mm. de vin.
 Proc. — Gravura.

(Continua)

FEIRA DA LADRA

A HOMENAGEM DA CÂMARA MUNICIPAL AO CONDE DE MONSARAZ

A O poeta alentejano António de Macedo Papança, Conde de Monsaraz, na hora comemorativa do centenário do seu nascimento, voltou a Câmara Municipal de Lisboa, que já honrara uma rua com o seu nome, a homenageá-lo, inaugurando, festivamente, em 18 de Julho do corrente ano, uma lápida na casa que fora sua moradia em Lisboa, na Rua Vítor Cordon, n.º 7.

Macedo Papança não foi só o poeta, entre parnasiano e naturalista, que dignificou as letras portuguesas; foi mais alguma coisa. Foi uma figura-síntese da sua época, onde ainda marcava e interessava a elegância de espírito. Lisboa, pela voz dos seus munícipes devotos, marcou assim a passagem pela capital, a travessia brilhante pela política e pelos salões, desse cavaleiroso lavrador de Reguengos de Monsaraz, cuja lira panteísta tão bem pintou como cantou os quadros rurais do seu dilatado e contemplativo terreno.

UM TRABALHO DE MÁRIO MARTINS

DOS prelos da Brachara Augusta saiu, em separata da «Colectânea de Estudos, 2.ª Série, Ano III, N.º 1», o tra-

balho de investigação e análise, sobre as «Influências Inacianas nas Clarissas de Santa Marta de Lisboa», em cuja Regra o autor forrageou a intervenção de doutrinas e princípios criados e preceituados por Santo Inácio de Loiola. Mário Martins produziu um trabalho sério e bem documentado, que interessa, capitalmente, ao estudo das Ordens religiosas e à história de Lisboa.

PORTO DE LISBOA — A DOCA EM OEIRAS

N A obra que, sob o título «Lisboa e os curiosos fastos do seu porto», foi recentemente editada pela Câmara Municipal de Lisboa, refere o seu autor, sr. Fonseca Mendes, reportando-se ao que sobre o assunto escreveu o engenheiro Adolfo Loureiro, alguns pormenores acerca do porto-de-abrigo em Oeiras, cuja construção, por sinal apenas iniciada, esteve a cargo do engenheiro Luís d'Allincourt.

Temos conhecimento de que, na primeira década do século passado, em data que nos não é possível determinar, mas certamente entre 1804 e 1807, teria voltado a ser posto em equação o problema da doca em Oeiras, visto que, ao então Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, D. António de Araújo Azevedo, foi dirigido por Joseph Thérèse Micheloty um «Rapport ou mêmorie particulière. Quelques observations sur la

commission et ouvrages à faire a Oeiras», acompanhado de um curioso desenho aquarelado.

Michelotty, ao que parece italiano de nação, era em 1807 sargento-mor do Real Corpo de Engenheiros e lente de hidráulica prática na Real Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho. Em Outubro de 1811 recebeu do Governo o encargo de proceder ao estudo, sobre o terreno, da possibilidade de ser aberto um canal ligando os rios Sado e o das Enguias. Em 1814 andou pelos Açores, onde procedeu ao levantamento de uma parte da costa da ilha de S. Miguel junto à cidade de Ponta Delgada. Era, então, director dos Trabalhos Hidráulicos e tenente-coronel.

Alfredo Ferreira do Nascimento

«VELHARIAS» DO BAIRRO ALTO

NESTE antigo Bairro Alto de São Roque, onde eu moro desde menino e moço, existe uma serventia com a denominação pitoresca de «Travessa do Poço da Cidade». Nesta popular artéria, esquinando para a Rua da Atalaia, encontra-se uma pequena loja, onde Mestre Júlio de Castilho localizou o poço que deu o nome ao arruamento, e, devido à saborosa e abundante água que continha, abastecia não só os moradores desta remota «Vila Nova de Andrada» como também alguns habitantes da cidade, e assim, talvez a razão da sua adequada toponímia.

Todas as vezes que passo junto desta curiosidade lisboeta lembro-me de que certa madrugada, era eu ainda rapazola, vinha com alguns companheiros de estúrdia descendo a dita travessa; chegados ao sitio no qual ainda se via o poço da Ci-

dade (e onde nesse tempo se explorava uma casa de dormidas) surge pela nossa frente um bando de interessantes raparigas em trajos de «Mãe Eva» e, tartamudeando de susto, afirmavam ali verem almas do outro mundo.

Nesse tempo e a tal hora os transeuntes eram raros, e ninguém quis entrar nessa casa; eu, confesso, também não entrei, pois tive sempre muito respeito pelas almas deste mundo e do outro.

Rodeados de tais beldades, ao relento dessa madrugada e com superstição das almas penadas, estávamos mudos, patéticos, sem tomar uma decisão, quando surge uma figura popular do bairro, um moço da casa da bomba da Misericórdia, que era no 11 da Travessa da Boa-Hora (por ser um homem alto e desproporcionado lhe chamavam irónicamente «Miúdo»).

Posto ao facto do sucedido, entra resolutamente na casa térrea, e descobre que as alminhas não passavam de uma avalanche de roedores esfomeados que, tal como a Verdade, vieram ao cimo do Poço.

Com o rodar dos anos, poucos vestígios restam desta famosa nascente. No recinto coberto onde outrora os moradores do bairro e alguns da Cidade, se dessedentavam com água fresca e decerto clara, vão actualmente os seus descendentes aquecer o interior com vinhos, talvez menos puros que as águas desse memorável Poço.

É o resultado da evolução dos tempos.

T. Lopes Ramos

UM VULTO DA CIDADE

N O dia 22 de Junho de 1952 faleceu, no Albergue dos Inválidos do Trabalho, o sr. Manuel Nunes, de profissão marceneiro, que, apesar de nascido em 3

de Novembro de 1858, na freguesia de Nossa Senhora do Monte de Caparica, concelho de Almada, apresentava como títulos olisiponenses o de ser velho cantador de fado e recitador de poesias nos teatros de amadores da cidade e o de antigo cliente do Professor Sousa Martins, título que várias vezes me lembrava, a quando das minhas visitas à enfermaria do Albergue onde passou os últimos tempos da sua vida.

De admirável memória e notável cultura literária, dado o seu nível intelectual, recitava com facilidade e sem esforço poesias completas de vários autores, bastando indicar-lhe os títulos e os autores; eram-lhe familiares Garrett, Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Camões, etc., o que até certo ponto era natural para um homem de 1858, mas também recitava as poesias de Herculano e de outros, que só a poucos eruditos era dado decorar.

O meu cliente e amigo Manuel Nunes fora tocador de guitarra e viola, cantava o fado e fazia elogios necrológicos e discursos socialistas. Trabalhava na Travessa das Salgadeiras e, após o encerramento da oficina, ia cantar e tocar para um clube de amadores existente nos baixos do Convento da Penha de França ou recitar para o Teatros Garrett, que existiu na Travessa do Forno do Maldonado. Exibiu-se, também, ao que me disse, no velho «Tacão», do Bairro Alto.

Entre várias peripécias e acontecimentos que seria curioso, mas certamente fastidioso contar e que me relatou durante os 22 anos em que esteve internado no Albergue dos Inválidos de Trabalho, quero referir dois que, a despeito da sua formação socialista, me contou:

Uma vez, depois de ter recitado versos de Gomes Leal no Teatro Garrett, viu aproximar-se do palco um «dandy» no gesto e no traje, que, de braços abertos,

foi ao seu encontro e lhe disse: «Dita por si pareceu muito melhor». Era Gomes Leal, o próprio autor da poesia!

De outra vez, solicitado a recitar algumas poesias no refeitório da enfermaria, após a refeição, e como visse que parte dos albergados dormiam e outros conversavam, disse, com ar entre triste e despeitado: «Com esta gente não vale a pena perder o meu latim».

Quando publiquei o meu artigo «Um Passeio no Bairro Alto», levei-lhe para rever as respectivas provas, leu-as com atenção e devolveu-mas, dizendo com ar entre sério e catadrático: «Está bem, mas ainda falta muita coisa... e que saudade para quem tudo isto viveu!».

Morreu de síncope cardíaca, quando esperava ainda as melhoras, apesar dos seus 94 anos e de uma hemiplegia esquerda, que o atacara havia um ano, em plena lucidez, sempre respeitosa e amável. Deus tenha a sua alma em descanso.

E. N.

ALEXANDRE REY COLAÇO

ALEXANDRE Rey Colaço tem, desde há poucos meses, uma rua de Lisboa, melhor, uma rua de bairro, uma pequena rua, bonita e arejada, com o seu nome.

Se a homenagem que a edilidade lisboeta acaba de prestar a esse ilustre pianista e Mestre do Conservatório Nacional de Música, não é aquela que todos os admiradores do ilustre artista desejavam, é, contudo, um passo dado para garantir à posteridade que o seu nome não foi de todo esquecido.

Recentemente também a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira deu publicidade à biografia do professor de música dos filhos do Rei D. Carlos. Por

ela se aprende como Alexandre Rey Colaço foi grande, foi superior a si próprio pela elevação e conceito que teve da arte musical. Devemos-lhe gratidão igual à que devemos sempre a todos que abandonam a sua terra para se fixar no nosso País e, é sempre tempo de retribuir com simpatia, mesmo post-mortis, aquela simpatia que, em vida nos dão aqueles que nos procuram e se abrigam sob o nosso doce e azul Céu.

As composições que nos deixou, de música genuinamente portuguesa, definem bem o seu elevado espírito, a sua alma profundamente nacional.

Ficou o seu nome vincado ao coração daqueles que o tiveram por Mestre, e os que o não conheceram pessoalmente, nem por isso deixaram de, por tradição, fixar-lhe o nome, tributando à sua memória os maiores respeitos.

Consta que a casa onde durante muitos anos viveu Rey Colaço, ambiente profundamente artístico, que os seus descendentes têm feito todo o possível por conservar, deve, mercê do desenvolvimento da Cidade e, sobretudo obedecendo a interesses de ordem material, ser demolida em breve.

Sabe-se que a casa de Velasquez em Madrid se mantém íntegra; que em Paris, na Praça dos Vosges, a casa de Vitor Hugo, nos dá a certeza de que ali vive o espírito do autor de Notre Dame; em Seide — Famalicão — na casa de Camilo existe toda a tragédia camiliana; no Porto a edilidade mantém a Casa-Museu de Guerra Junqueiro e a de Vila Nova de Gaia orgulha-se de ter como sua propriedade a Casa-Museu de Mestre Escultor Teixeira Lopes.

Um movimento a favor da conservação intacta da residência de muitos homens ilustres que viveram na capital é de ten-

tar, de persistir, de teimar, já que a illustre vereação da Câmara Municipal de Lisboa tem, através dos seus Serviços Culturais, feito todo o possível para criar na alma, no espírito dos Lisboetas o seu amor a Lisboa.

Se uma profunda revolução material não fosse obra grandiosa a dever à actual vereação olisiponense, bastava o que tem feito em favor da cultura, do estudo sobre Lisboa, para ser credora das nossas maiores homenagens.

Creemos que a seu lado, animando-a, incitando-a e dando-lhe todo o seu ilimitado quão precioso concurso, estará sempre o Grupo Amigos de Lisboa, que tem aberto largos horizontes ao conhecimento do que vale a Capital aos Lisboetas e a todos os Portugueses que podem ufanar-se e cantar como o vate:

E, tu nobre Lisboa, que no mundo
Fácilmente das outras és de todas

[princesa

Manuel Chaves Caninha

LUDOVICI

ENQUANTO cresciam as paredes do edifício de Mafra, delineava Ludovici a nova porta para a capela real, elevada pouco antes à preeminência de Patriarcal...

O terramoto de 1755 destruiu a Patriarcal, mas deixando de pé a porta e janela que a coroava, foram estas cedidas por el-rei D. José I para as obras de reedificação da igreja de S. Domingos, onde as vemos agora, servindo de principal ornamento da fachada da igreja. Terá porventura algum outro templo da

capital nova porta e janela que revelam tanta grandeza e majestade e tão harmoniosa combinação? Persuado-me que não.

1866. A. A. C.

Vilhena Barbosa

OS PRIMEIROS HÓSPEDES DO PAÇO DOS ESTAOS

EM 1451, reinando D. Afonso V, fizeram-se em Lisboa as mais pomposas e variadas festividades de que há notícia em todo o reino, em tempos antigos e modernos. El-rei, os fidalgos da Corte e o povo de Lisboa, deram largas à fantasia, foram pródigos de invenções e não se poupavam a trabalhos nem a despesas para celebrar o consórcio da infanta D. Leonor, irmã do soberano reinante, com o imperador da Alemanha, Frederico III, do modo que a todos pedia

o contentamento geral causado por tão fausto successo.

Para receberem a mão da infanta em nome do imperador, e para acompanharem até à Alemanha a jovem e formosa imperatriz, enviou Frederico III, por seus embaixadores, a Nicolau Lanchman de Valckenstein e Jacobo Motz. Foram estes, pois, os primeiros hóspedes que receberam agasalho no paço dos Estaos, ainda não acabado, mas onde se arranjaram e guarneceram à pressa alguns quartos. Habitaram neles os embaixadores de Frederico III durante os meses de Agosto, Setembro e parte de Outubro do referido ano de 1451. Todo este espaço de tempo foi gato em festas e regozijos, e em viagem de despedida, que a imperatriz fez a diversas terras da Estremadura e Alentejo, acompanhada dos mencionados embaixadores.

1866. A. A. C.

Vilhena Barbosa

GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

CORPOS DIRECTIVOS DO TRIÊNIO DE 1952-54

AUTO DE POSSE N.º 9

Aos vinte e cinco dias do mês de Janeiro do ano de mil novecentos e cinquenta e dois, pelas vinte e uma horas e trinta minutos, na sede do Grupo «Amigos de Lisboa», Rua Garrett, número sessenta e dois, segundo andar, eu, Alberto Mac Bride Fernandes, Presidente efectivo da Mesa da Assembleia Geral, hei por bem conferir posse, nos seus respectivos cargos, aos sócios para eles eleitos na Assembleia Geral Ordinária de dezanove do corrente mês, conforme consta da Acta n.º 16, a saber:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — Dr. Alberto Mac-Bride Fernandes
Vice-Presidente — Norberto Moreira de Araújo
1.º Secretário — Teodoro Lopes Ramos
2.º Secretário — Joaquim Pascoal Rodrigues

JUNTA DIRECTIVA

Efectivos

Presidente — Prof. Dr. Augusto Pires Celestino da Costa
Vice-Presidente — Gustavo de Matos Sequeira
Secretário-Geral — Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves
Secretário - Geral Adjunto — Dr. José Leitão de Barros

Tesoureiro — Hugo Raposo
Vogais — Diamantino Tojal
— Prof. Dr. Joaquim Fontes
— Joaquim Roque da Fonseca
— Coronel José Pereira Coelho

Substitutos

Presidente — General Raul Esteves
Vice-Presidente — Dr. Luís Chaves Lopes
Secretário-Geral — João de Sousa Lara
Tesoureiro — Prof. Dr. António Monteiro da Costa
Vogais — Acúrsio Pereira
— Joaquim Paço d'Arcos
— Dr. Manuel Vicente Moreira
— Marquês de Abrantes

COMISSÃO DE CONTAS

Efectivos

Presidente — Coronel Pestana de Vasconcelos
Secretário — Higinio Nunes da Silva
Relator — Henrique Marques Júnior

Substitutos

Presidente — Dr. Alberto Gomes

Secretário — Eng. Diogo Sobral
Relator — Alfredo Brazião Alves

Dr. Luciano Ribeiro
Luís Moita

SECÇÕES DE ESTUDO

Históricos e defesa do Património Olisiponense

Gustavo de Matos Sequeira —
Delegado da Junta Directiva
Prof. Eng. André Navarro
Dr. Durval Pires de Lima
Dr. Frederico Gavazzo Perry
Vidal
Dr. João Couto
Mário de Sampaio Ribeiro
Visconde de Santarém

Económicos e Sociais

Joaquim Roque da Fonseca —
Delegado da Junta Directiva
Eng. Araújo Correia
Ermete Pires
Dr. José Sabino Pereira

De Estética e Urbanização

Dr. José Leitão de Barros —
Delegado da Junta Directiva
Eng. António Emídio Abrantes
Prof. Armando de Lucena
Eng. D. Francisco de Mendia
Jaime Martins Barata
Arq. Porfirio Pardal Monteiro
Eng. Ricardo Teixeira Duarte

De Movimento Cultural e Propaganda

Dr. Eduardo Augusto da Silva
Neves — Delegado da Junta
Directiva
Alfredo Ferreira do Nascimento
Francisco Valença
José Francisco de Oliveira
Mário Costa
Eng. Peres Durão
Prof. Dr. Raul de Carvalho

ÍNDICE DO 15.º VOLUME—1952

	Pág.
O FORTE DO CORPO SANTO E A BATERIA DO CAIS DO SODRÉ, por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i>	3
AS ARMAS DO CONDE DE LIPPE, por <i>Heinrich Katzenstein</i>	9
VISTAS DE LISBOA, por <i>António de Aguiar</i> 12, 202 e	245
A BAIXA POMBALINA EM FESTA — A RUA DA PRATA E A RUA DOS FANQUEIROS, por <i>Gustavo de Matos Sequeira e Norberto de Araújo</i>	20
O CONVENTO DOS BARBADINHOS ITALIANOS, pelo <i>Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves</i> . (Conclusão)	35
A BEMPOSTA (O PAÇO DA RAINHA), por <i>Luís Moita</i> 41 e	236
BAILES NA CORTE DE D. MANUEL I, por <i>Mário Costa</i> . (Conclusão)	51
FEIRA DA LADRA	55 e 252
GRUPO AMIGOS DE LISBOA:	
Acção cultural durante o ano de 1951	60
Assembleia Geral de 1952. Relatórios	207
Corpos Directivos 1952/1954	257
O PITORESCO DE LISBOA:	
PREFÁCIO, por <i>Hugo Raposo</i>	63
LOCUÇÃO do <i>Coronel Pereira Coelho</i>	65
VELHOS TEATROS DE LISBOA DESAPARECIDOS, por <i>Gustavo de Matos Sequeira</i>	70
LOCUÇÃO do <i>Coronel Pereira Coelho</i>	78
ANEDOTAS DE TEATRO, por <i>Erico Braga</i>	80
LOCUÇÃO do <i>Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves</i>	83

	Pág.
SUPERSTIÇÕES, BRUXEDOS E AGOIROS, por <i>Mário de Sampayo Ribeiro</i>	84
PROCISSÕES E CULTOS DE LISBOA, por <i>D. Julieta Ferrão</i>	96
BAILES E BAILARICOS, por <i>Mário Costa</i>	104
LOCUÇÃO de <i>Hugo Raposo</i>	112
CALÃO GÍRIA POPULAR, por <i>Alfredo Augusto Lopes</i>	112
ENTRUDO D'ONTEM, CARNE...AVAL D'HOJE, pelo <i>Dr. Paulo Cantos</i>	126
OS ARCOS DE LISBOA E A SUA NOSTALGIA, por <i>Norberto de Araújo</i>	139
O BOATO, por <i>Acúrsio Pereira</i>	143
LOCUÇÃO do <i>Prof. Dr. A. Celestino da Costa</i>	150
FIGURAS POPULARES DE LISBOA, pelo <i>Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves</i>	151
FEIRAS E ROMARIAS, pelo <i>Dr. Francisco Cancio</i>	157
TRADIÇÕES DE LISBOA, pelo <i>Dr. Luís Chaves Lopes</i>	165
A GRAÇA DE LISBOA, pelo <i>Dr. Luís de Oliveira Guimarães</i>	172
POSFÁCIO, pelo <i>Prof. Dr. A. Celestino da Costa</i>	178
ALGUNS DESENHOS INÉDITOS DE LISBOA DO FIM DO SÉCULO XVIII, pelo <i>Dr. Francisco Cordeiro Blanco</i>	183
TENTATIVA DE IDENTIFICAÇÃO DE NOVE DESENHOS DO ÁLBUM DOS CONDES DE LINHARES — COMENTÁRIO AO ESTUDO DO DR. CORDEIRO BLANCO, por <i>Gustavo de Matos Sequeira</i>	199
LISBOA NÃO TEM O LEITE QUE DEVERIA TER, pelo <i>Eng. Perez Durão</i>	215
UM LACRE POUCO VULGAR, por <i>Heinrich Katzenstein</i>	224
O CRUZEIRO DE ALGÉS, por <i>J. M. Cordeiro de Sousa</i>	221
AS DUAS «SEVERAS» DO VIMIOSO, por <i>Amaro de Almeida</i>	226
TRÊS EXPOSIÇÕES OLISIPONENSES:	
Jornais — Registos de Azulejos — Fotografias	230
Discurso do expositor dos jornais, <i>Doutor Eduardo da Silva Neves</i>	231
Colectânea de jornais expostos	234
FEIRA DA LADRA	252

Empresa Insulana de Navegação

Sede: Rua Nova do Almada, 11-1.º — LISBOA
Telefs. 23271/2/3 — Telegrs. Bensaude — LISBOA

Carreiras regulares entre: Lisboa, Madeira e Açores

Saídas em 8 de cada mês para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa, (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Pico (Lagens) e Faial

Em 23 de cada mês, para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Pico (Cais), Faial, Corvo e Flores (Lagens e Santa Cruz)

Passagens: Rua Augusta, 152 — Telef. 2 0216

Carga: Avenida 24 de Julho, 2, 2.º — Telef. 20214/15

Agentes no Porto:

SOCIEDADE GERAL DE REPRESENTAÇÕES, LDA,
Rua Mousinho da Silveira, 18

Na Madeira:

Blandy Brothers & C.º, L.da

Em S. Miguel

Bensaude e C.ª, L.da

ÂNGELO G. RAMALHEIRA

— ENGENHEIRO CIVIL —

CONSTRUÇÕES
PROJECTOS DE ESTABILIDADE
BETÃO ARMADO

Av. Oriental do Parque Eduardo VII, 14, r/c.-E.

TEL. 4 9313 — LISBOA

— e —
Praça D. Filipa de Lencastre, 22, 6.º

Telefone 2 6251 — PORTO

TODOS OS PRODUTOS DA

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

SUPERIOR, FRANCÊS, VIRGINIA, HOLANDÊS, TIP-TOP, VIC,
AVIZ, PROVISÓRIOS, TAGUS, LISBOAS, SPORTING, ETC., ETC.

são fabricados com ramas escolhidas, pelos processos mais modernos,
para bem servir os fumadores

AMIGOS DE LISBOA

EDIÇÕES

	PREÇOS PARA os sócios	PREÇOS PARA o público
A cor de Lisboa	10\$00	12\$00
A Lisboa de ontem e de hoje, do sr. Rocha Martins, crítica	9\$00	10\$00
Noite de evocação do Leão de Ouro	9\$00	10\$00
«Olisipo»	8\$00	10\$00
Urbanização de Lisboa	4\$00	5\$00

A. VIEIRA DA SILVA

A Ponte de Alcântara e suas circunvizinhanças	9\$00	10\$00
Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa	9\$00	10\$00
Os Paços dos Duques de Bragança	9\$00	10\$00

ALFREDO DA CUNHA

Olisipo, berço do periodismo português	9\$00	10\$00
--	-------	--------

ANTÓNIO R. DA SILVA E SOUSA

A Igreja e o sítio de Santo Estêvão ...	9\$00	10\$00
Bagatelas do tempo vário	4\$00	5\$00
O Campo de Santa Clara	9\$00	10\$00
Ronda e Silva de Lisboa velha	4\$00	5\$00

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Casas onde, em Lisboa, residiu Almeida Garrett	9\$00	10\$00
--	-------	--------

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

A Irmandade de S. Lucas	9\$00	10\$00
-------------------------------	-------	--------

JOSÉ SEBASTIÃO SALDANHA OLIVEIRA E DAUN

Relação histórica (resumida) das cavalladas no Torneio Real que se fez na Corte e cidade de Lisboa em 1795 ...	9\$00	10\$00
--	-------	--------

LUÍS MOITA

Ermida de Santo Amaro	9\$00	10\$00
-----------------------------	-------	--------

LUÍS PASTOR DE MACEDO

Ascendentes de Camilo	13\$50	15\$00
-----------------------------	--------	--------

LUÍS TEIXEIRA

O «Diário de Notícias» no século XIX	4\$00	5\$00
--------------------------------------	-------	-------

MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

A Igreja e o convento da Graça	9\$00	10\$00
--------------------------------------	-------	--------

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena monografia de S. Vicente	9\$00	10\$00
--	-------	--------

RUY DE ANDRADE

Como o artista Alfredo de Andrade encarava os problemas da edilícia cidadina	4\$50	5\$00
--	-------	-------

AUGUSTO CASIMIRO

Lisboa Mourisca	18\$00	20\$00
-----------------------	--------	--------

CONSIGNAÇÕES

PREÇOS PARA
os sócios o público

EDUARDO NEVES

Lisboa na Numismática e na Medalhística	13\$50	15\$00
Do Sítio do Intendente	10\$80	12\$00
O Convento dos Barbadinhos Italianos ...	13\$50	15\$00

FERREIRA DE ANDRADE

Relação das casas foreiras	22\$50	25\$00
Senado da Câmara e a Guerra civil	27\$00	30\$00
Três touradas no Terreiro do Paço	13\$50	15\$00
Palácios Reais de Lisboa	45\$00	50\$00

J. S. VIEIRA

O Convento dos Marianos	6\$80	7\$50
-------------------------------	-------	-------

GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital Militar de Belém	18\$00	20\$00
---	--------	--------

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Auto de S. João	4\$50	5\$00
Lisboa (comédia)	18\$00	20\$00

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e Sombras medievais	45\$00	50\$00
----------------------------------	--------	--------

HUGO RAPOSO

Primeiro Circuito de Lisboa Moderna em Transporte Colectivo	9\$00	10\$00
---	-------	--------

JOÃO PINTO DE CARVALHO (Tinop)

Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols. cada	9\$00	10\$00
--	-------	--------

JOAQUIM ROQUE DA FONSECA

A Urbanização de Lisboa	13\$50	15\$00
-------------------------------	--------	--------

JULIETA FERRÃO

Lisboa, 1870	9\$00	10\$00
--------------------	-------	--------

LUÍS PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina	6\$80	7\$50
A Rua das Canastras	7\$20	8\$00
Crítica, correções e aditamentos	5\$40	6\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da freguesia da Sé	6\$80	7\$50

MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

Do Sítio do Restelo e das suas igrejas de Santa Maria de Belém	45\$00	50\$00
--	--------	--------

ROBERTO DIAS COSTA

A Paróquia de S. Jorge da cidade de Lisboa	7\$20	8\$00
--	-------	-------

ROQUE GAMEIRO

Lisboa Velha	162\$00	180\$00
--------------------	---------	---------

RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para a Heráldica Tumular moderna olisiponense	45\$00	50\$00
---	--------	--------

E AS EDIÇÕES CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA, DA ANTIGA IMPRENSA DE COIMBRA E DA IMPRENSA NACIONAL



Camilo Castelo Branco

O mais apreciado e o mais português
de todos os romancistas

Edição popular das suas principais obras
em **80** volumes

Conheça, Leia, Aprecie, Divulgue

C A M I L O

EDIÇÕES DA

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

RUA AUGUSTA, 44 a 54

Telef. 31730 End. teleg. PARCEPEREIRA

António Moreira Rato & Filhos, L.^{da}

Materiais de Construção



CIMENTO «TEJO»



Mármore-Cantarias



Grés — Azulejos — Loijas sanitárias

Tele { fones: **60870-63708**
gramas: **RATOFILHOS**

Avenida 24 de Julho, 54-G—LISBOA

Os «Amigos de Lisboa»

Preferem, para os seus seguros, a

IMPÉRIO

Uma **COMPANHIA DE SEGUROS** que honra Lisboa

EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELÉCTRICA TEL.º 62177-62178
AVENIDA 24 DE JULHO 135 - LISBOA



LÂMPADAS

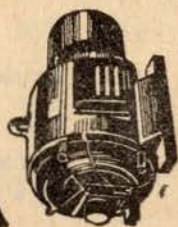
LUMIAR

ADQUIRIR O NOSSO MATERIAL
É GARANTIA DE OBTER MATERIAL DE QUALIDADE SUPERIOR

MOTORES ELÉCTRICOS — TRANSFORMADORES
GERADORES

ENAE

Fabrico nacional



Companhia Alcobia

Móveis — Estofos
Decorações



No seu género, uma das melhores e mais conceituadas casas do País



RUA IVENS, 14 (Esquina da Rua Capelo)

LISBOA **Telef. 26441**



Domingos de Lisboa

JARDIM ZOOLOGICO
(ESTRADA DE BENFICA)

No Parque das Laranjeiras que foi pertença do Conde de Farrobo, e onde ainda hoje se adivinha, em certos e requintados pormenores, o espírito e sensibilidade do seu antigo proprietário, encontra-se instalado, desde 1905, o Jardim Zoológico.

Graças à notável dedicação da Sociedade Directora deste famoso Parque, são inúmeros os melhoramentos ultimamente levados a efeito, tais como: o Jardim dos Pequeninos, o Grande Roseiral de Lisboa, a Aldeia e o Ginásio dos Macacos, o Solar dos Leões, a Tenda do Faustino, etc. ...

Grandes árvores e formosos lagos compõem o ambiente paradisíaco do Jardim — verdadeiro logradouro de Lisboa e um dos seus sítios mais justamente preferidos e consagrados.

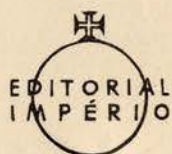
PATENTE AO PÚBLICO TODOS OS DIAS, DAS 10 DA MANHÃ.
AO PÓR DO SOL.
PREÇOS DE ENTRADA: AOS DOMINGOS, ATÉ ÀS 13 H. 3500
DEPOIS DAS 13 H. 6500
AOS DIAS DE SEMANA 6500

PASSAM JUNTO DO JARDIM ZOOLOGICO:
ELÉCTRICOS DAS CARREIRAS 1 - 1A
AUTOCARROS DA CARREIRA 15



UM BOM LIVRO
UM BOM JORNAL

SÓ NA



MARCA REGISTRADA

COMPOSIÇÃO MECÂNICA



TRABALHOS GRÁFICOS
EM TODOS OS GÊNEROS



151, RUA DO SALITRE, 155—LISBOA
T E L E F O N E P B X 5 3 1 7 3 / 4

TOSSE ?

HORAS CALMAS



COM

BENZO-DIACOL